

**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
LICENCIATURA EM PSICOLOGIA**

**DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM COMO FACTORES DE
INSUCESSO ESCOLAR DOS ALUNOS DA 9ª CLASSE CASO DO
COMPLEXO ESCOLAR 301 “MANUEL LOPES MARIA XIMUTU”
MUNICÍPIO DO DANDE, PROVÍNCIA DO BONGO, ANO 2022/2023**

Autor: Rui João Cangozi Policarpo

Orientadora: Profª. Marília Augusta Soares da Costa Paim (Msc)

Luanda, 2024

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
LICENCIATURA EM PSICOLOGIA

**DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM COMO FACTORES DE
INSUCESSO ESCOLAR DOS ALUNOS DA 9ª CLASSE CASO DO
COMPLEXO ESCOLAR 301 “MANUEL LOPES MARIA XIMUTU”
MUNICÍPIO DO DANDE, PROVÍNCIA DO BONGO, ANO 2022/2023**

Trabalho de Fim do Curso apresentada ao
Instituto Superior de Angola como requisito para
a obtenção do grau de Licenciado em
Psicologia, sob a orientação da MSc. Marília
Augusta Soares da Costa Paim.

Autor: Rui João Cangozi Policarpo

Orientadora: Prof^a. Marília Augusta Soares da Costa Paim (MSc)

Luanda, 2024

DEDICATÓRIA	i
EPÍGRAFE.....	VI
AGRADECIMENTOS	VII
RESUMO.....	VIII
ABSTRACT.....	IX
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	5
1. 1. Definições de termos e conceitos.....	5
1.1.1. Dificuldades.....	5
1.1.2. Aprendizagem	5
1.1.3. Factor	6
1.1.5. Aluno	7
1.1.6. Insucesso escolar	7
1.2. Um olhar sobre o passado do insucesso escolar	8
1.3. Dificuldades de aprendizagem	11
1.4.1.1. Dislexia.....	16
1.4.1.2. Dificuldades de aprendizagem na área de escrita.....	16
Disgrafia.....	17
1.4.2. Dificuldades de aprendizagem na área da matemática.....	17
1.4.3. Dificuldades de aprendizagem relacionadas com os transtornos emocionais	18
1.5. Transtornos de conduta	18
1.6. Transtornos emocionais.....	19
1.7. Transtorno do Déficit da Atenção e Hiperactividade (TDAH)	19
1.8. Diagnóstico das dificuldades de aprendizagem	21
1.9. Causas das dificuldades de aprendizagem	24
1.10. Dificuldades de aprendizagem como factores do insucesso escolar ...	26

1.11. Teorias psicológicas que dão ênfase às dificuldades de aprendizagem	27
1.11.1. Teorias centradas no sujeito	28
1) Teorias de défices perceptivos	29
1.11.2. Teorias do processamento da informação	30
1.11.3. Teorias ambientais	31
1.11.4. Teorias centradas na tarefa	31
1.11.5. Teorias interaccionistas	32
1.12.1. Abordagem Behaviorista	34
1.12.2. Condicionamento operante de Skinner	34
1.12.3. Estratégias humanistas	36
CAPÍTULO II: METODOLOGIA DE PESQUISA	42
2.1. Tipo de pesquisa	42
2.1. Pesquisa descritiva	42
2.2 Modelo de abordagem	42
2.3. Nível de estruturação de método	42
Quanto à metodologia de eleição, nos foi útil os métodos:	43
2.2. Técnica de recolha de dados	43
2.5. Instrumentos, procedimentos de recolha de dados	44
2.6. População e Amostra	44
2.6.1. População	44
2.6.2. Amostra	45
2.6.3. Dificuldades encontradas	46
2.6.4. Resultados esperados	46
2.7. CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA	47
CAPÍTULO III: RESULTADOS E DISCUSSÃO	48
Análise de conteúdo dos resultados da entrevista	48

Categoria 1: Conteúdo dos resultados do Director.....	48
Categoria 2: Conteúdo da narrativa do professor.....	49
Categoria 3: Conteúdo da narrativa do encarregado da educação	50
Categoria 5: Conteúdo da narrativa do aluno	52
3.1. Estratégia de interpretação das categorias	53
CONCLUSÕES.....	58
SUGESTÕES.....	59
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	60

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, João António Policarpo e Domingas Sebastião Kangoji, pela graça do Senhor fui concebido por eles.

À minha esposa, Paulina Venâncio, pela paciência que teve nos momentos das minhas ausências.

EPÍGRAFE

“Se as escolas despendere esforços e tempo na promoção de desenvolvimento da linguagem, as aprendizagens em todas as áreas curriculares serão favorecidas” (Freitas, 2002).

AGRADECIMENTOS

A Deus todo-poderoso, pela protecção da vida durante a minha vivência.

À minha família, por me ter apoiado durante o meu processo formativo, ela é a razão das minhas lutas.

Aos meus filhos, Felson, Geovânia, Michel, Sandro e Dulciliny, que tanto suportaram a minha ausência por inúmeras vezes que de mim precisavam.

À minha orientadora e professora, Marília Paim, pela sua orientação e comunicação neste precioso trabalho.

Aos professores da academia ISA, em especial à Coordenação de Psicologia, pela formação dada durante a nossa trajectória.

Aos intervenientes do campo da pesquisa, por terem aceite a realização do presente estudo, assim como a colaboração de todos no preenchimento e entrega dos questionários.

Aos colegas, amigos Moisés Paulo, António Pedro, Vanda dos Santos, Felisbino Policarpo, Eduardo Quissanga, entre outros, que directa ou indirectamente contribuíram para que esta obra terminasse.

RESUMO

Para a feitura do presente trabalho, levantou-se uma pergunta de partida, que consistiu em saber que dificuldades de aprendizagem contribuem para o insucesso académico dos alunos da 9ª Classe. Para o delineamento da pesquisa, traçaram-se alguns objectivos gerais e específicos, que se descrevem: Objectivo geral: compreender os factores determinantes das dificuldades de aprendizagem tidas como causas do insucesso académico dos alunos da 9ª Classe. Ao passo que os objectivos específicos foram: descrever as teorias psicológicas sobre as dificuldades de aprendizagem como factores do insucesso académico, identificar os factores socioeconómicos e psicológicos que estão na base das dificuldades de aprendizagem como causas do insucesso académico, subsidiar uma reflexão sobre os desafios em torno da melhoria de condições do trabalho docente e estudantil. Quanto à metodologia, optou-se pela pesquisa qualitativa. Quanto ao modelo de abordagem, optámos pela abordagem exploratória. Já a amostra foi de 5 elementos, porém teve-se em conta os entrevistados cujas actividades estão muito ligadas ao objecto de estudo. Quanto às conclusões, dizer que os objectivos traçados foram alcançados e chegou-se à seguinte conclusão: descreveram-se as teorias psicológicas sobre as dificuldades de aprendizagem como factores do insucesso académico, identificou-se que os factores socioeconómicos estão na base das dificuldades de aprendizagem como causas do insucesso académico. Quanto às sugestões, somos de sugerir que, face à falta de psicólogo, que a direcção da escola contrate no mercado de trabalho um psicólogo, a fim de juntamente com a escola prestarem um serviço que vise melhorar o processo de ensino e aprendizagem.

Palavras-Chave: Dificuldades, aprendizagem, Factores, insucesso, alunos.

ABSTRACT

To carry out this work, a starting question was raised which consisted of knowing what learning difficulties contribute to the academic failure of students in the 9th grade? To design the research, some general and specific objectives were outlined and described: General objective; understand the determining factors of learning difficulties considered as the cause of academic failure of students in the 9th grade. As far as I can tell, the specific objectives were; describe psychological theories on learning difficulties as a factor in academic failure, identify the socio-economic and psychological factors that underlie learning difficulties as a cause of academic failure, support a reflection on the challenges surrounding improving learning conditions teaching and student work. As for the approach model, we opted for the Exploratory approach. The sample consisted of 5 elements, but there were interviewees whose activities are closely linked to the object of study. As for the conclusions, it is said that the objectives set were achieved and the following conclusion was reached: psychological theories on learning difficulties were described as a factor in academic failure, it was identified that socioeconomic factors are at the basis of learning difficulties as cause of academic failure. As for suggestions, we suggest that, given the lack of psychologists, the school management hires psychologists from the job market so that the school can provide services aimed at improving the teaching and learning process.

Key-words: Learning difficulties, factors of failure, student.

LISTA DE SIGLAS

ABD: Associação Brasileira de Dislexia

APA: Associação Americana de Psiquiatria

DA: Dificuldades de Aprendizagem

DSM IV: Manual de Diagnóstico Estatístico

EUA: Estados Unidos de América

SNC: Sistema Nervoso Central

TDAH: Transtorno de Déficit da Atenção e Hiperactividade

INTRODUÇÃO

O presente estudo aborda sobre as “Dificuldades de aprendizagem como factores de insucesso escolar dos alunos da 9ª Classe Caso do Complexo Escolar 301 Manuel Lopes Maria Ximutu, Município do Dande, província do Bengo, ano 2022/2023”, revela ser de extrema importância, porquanto o seu objectivo não se configura apenas para a conclusão de fim de curso, mas também para contribuir para o acervo bibliotecário do Instituto Superior de Angola, assim como para a redução do insucesso escolar dos alunos da 9ª Classe do Complexo escolar 301 “Manuel Lopes Maria Ximutu”.

Na historia da evolução humana sempre houve sujeitos que se distinguem por realizar a transmissão de conhecimento sociais e tradicionais alcançados pela sociedade, na opinião dos pesquisadores sobre o assunto são considerados valores culturais, pois o processo educativo, instrutivo e de ensino- aprendizagem é tão antigo quanto o surgimento da humanidade, a partir dessa afirmação reconhece-se que começam a surgir centros adequados para essa função, e portanto pessoas aptas a fazê-lo.

As dificuldades de aprendizagem são na verdade um grande problema para o processo de aprendizagem, e configuram-se como a principal causa do insucesso escolar em todos os níveis de ensino e aprendizagem.

Freita (2002), na sua obra, refere que: o insucesso escolar é uma matéria que preocupa todos os agentes do sistema educativo e inquieta grande parte da nossa sociedade, sendo tema de interesse para investigadores, sociólogos e pedagogos. Contudo, e apesar do grande interesse que desperta esta temática, os conceitos de sucesso e insucesso são complexos.

Do ponto de vista legal, a Constituição da República de Angola, (artigo 35º, p.12, 21) estabelece claramente as responsabilidades da Família e do Estado na educação, que tem sido o resultado das mudanças sociais ocorridas no país, bem como uma plena compreensão do papel de cada uma das instituições sociais no processo da educação.

Hoje, nesse sistema, houve uma revolução educacional tem sido realizada, cumprindo ennumeros programas que constituem um desafio para a sociedade, visando

alcançar maior eficiência na atenção à diversidade para que os escolares sejam correctamente direccionados, para que aprendam a ouvir, falar e expressar o que sentem.

A partir das investigações revisadas, e a experiência do autor sobre o tema consideramos que as dificuldades de aprendizagem são mais visíveis quando as condições de vida das populações são precárias, onde os alunos não têm as três refeições diárias, onde a distância escola-casa é maior, sem transporte escolar, onde se registam doenças de toda a ordem, ruído, falta de salário dos professores, falta de uma boa relação escola e família; tudo isso e outros factores não citados concorrem para o insucesso escolar.

As dificuldades de aprendizagem constituem assuntos que preocupam vários autores do processo de ensino e aprendizagem, por ser um fenómeno cujo seu resultado não é desejado por nenhuma das partes desses mesmos autores.

Hoje é possível observar, através dos resultados finais, o insucesso escolar causado pelas dificuldades de aprendizagem. Há muitas causas do insucesso escolar; porém, não se podem deixar de parte as dificuldades de aprendizagem, que, no caso concreto, são: o atraso escolar provocado pela distância casa - escola, a falta de merenda escolar, problemas psicológicos, o bullying nas escolas, os conflitos entre professor e aluno, e outros males.

Diante destes problemas apontados, levantou-se a seguinte pergunta de partida:

Quais são as dificuldades de aprendizagem que contribuem para o insucesso escolar dos alunos da 9ª Classe?

HIPÓTESES

“Hipótese é uma suposição que antecede a constatação dos factos e tem como característica uma formulação provisória, que deve ser testada para se determinar a sua validade correcta ou errada” (Nunes, 2015, p. 30).

H1- Havendo dificuldades socioeconómicas por parte dos alunos, então teremos dificuldades de aprendizagem.

H2- A falta da relação escola-família contribui para o insucesso escolar dos alunos.

OBJECTIVOS DO ESTUDO

“O objectivo geral será a síntese do que se pretende alcançar; e os objectivos específicos explicitarão os detalhes e serão os desdobramentos do objectivo geral (Quivy & Campenhoudt, 1992).

Objectivo geral

Compreender as dificuldades de aprendizagem tidas como factores do insucesso escolar dos alunos da 9ª Classe do Complexo Escolar Manuel Lopes Maria Ximutu, Município do Dande, província do Bengo, 2022/2023”.

Objectivos específicos

1. Descrever as teorias psicológicas voltadas às dificuldades de aprendizagem como factores do insucesso escolar dos alunos da 9ª Classe do Complexo Escolar 301 Manuel Lopes Maria Ximutu, no Município do Dande, província do Bengo, 2022/2023;
2. Identificar os factores socioeconómicos e psicológicos que estão na base das dificuldades de aprendizagem como causas do insucesso escolar dos alunos da 9ª Classe do Complexo Escolar 301 Manuel Lopes Maria Ximutu, no Município do Dande, província do Bengo, 2022/2023;
3. Sugerir medidas que visam baixar os índices das dificuldades de aprendizagem dos alunos da 9ª Classe do Complexo Escolar 301 Manuel Lopes Maria Ximutu, no Município do Dande, província do Bengo, 2022/2023;

Delimitação e limitação

Delimitação: Quanto à delimitação temporal, o trabalho foi realizado numa margem temporal do ano académico 2022/2023.

Quanto à delimitação geográfica, o tema foi realizado no Complexo Escolar 301 “Manuel Lopes Maria Ximutu”, sedado no Município do Dande, província do Bengo.

- a) Limitações:** Quanto ao público, fizeram parte do trabalho os alunos do Complexo Escolar 301 “Manuel Lopes Maria Ximutu”, assim como o Director geral, o pedagógico e os professores, a fim de se averiguarem todas as possibilidades das causas do insucesso escolar.
- b)** O trabalho está estruturado por três capítulos, a saber: o capítulo da fundamentação teórica, o capítulo da metodologia e, por último, o capítulo dos resultados e discussão.

Justificativa

Quanto à justificativa, dizer que o trabalho é de extrema importância para o campo da pedagogia e da psicologia. Do ponto de vista académico o tema é na verdade importante porque não se combate um mal se antes não se compreender, de forma particular e rigorosa, as causas e a manifestação do fenómeno tidas aqui como dificuldades de aprendizagem que resultam em insucesso escolar dos alunos.

Assim, academicamente a pesquisa permitirá aos futuros colegas e pesquisadores terem um acervo bibliográfico para pesquisa, pois, no fim da pesquisa contribuiremos com sugestões válidas para minimizar o problema das dificuldades de aprendizagem.

Do ponto de vista social falar das dificuldades de aprendizagem é de extrema importância, isto é não apenas para a escola o país que se chama Angola. É um estudo que interessa ao mundo todo, uma vez que não se faz sociedade sem homens formados. Os problemas sociais, económicos e psicológicos estão presentes nos alunos, até nos professores, o que torna propício ao fenómeno do fracasso escolar.

Abordamos esta tematica devido a profissão do autor e os estagios curricular realizados no Colegio Henriques e o Hospital Josina Machel conseguimos nos deparar com diversos fenómenos relacionados com as dificuldades de aprendizagem que afectam grandemente os alunos daí o nosso interesse em poder contribuir na transformação desta realidade com a realização do trabalho de final de curso.

O estudo realizado procura de modo geral compreender as causas das dificuldades de aprendizagem entre alunos assim como a necessidade de querer dar-se um contributo nesta área, depois da formação que se levou a cabo no curso de Psicologia.

CAPÍTULO I: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1. 1. Definições de termos e conceitos

1.1.1. Dificuldades

Dificuldade, de acordo com o dicionário de Língua Portuguesa, é tida como característica de algo difícil, algo que não é fácil: é preciso enfrentar as dificuldades da vida, Doron e Parot, (2011).

Outro sentido, dificuldade é algo que se considera difícil, trabalhoso, árduo ou laborioso: tinha dificuldade para pronunciar determinadas palavras Nunes (2004)

Ao passo que de acordo com Camacho e Tavares (2015) Dificuldade não é mais senão o catacter do que é difícil, ou ainda significando obstáculo ou embaraço.

Estamos de acordo com as definições dadas pelos autores já que nos consideramos que dificuldade apresenta-se como a incapacidade de obter facilidade ao querer alcançar um determinado objectivo.

Porém, para o nosso tema, essas dificuldades serão abordadas no ponto de vista educacional, isto é, todas as dificuldades que os alunos passam para terminar um período lectivo ou académico, a começar pela matrícula até ao último dia em que as pautas serão lançadas.

1.1.2. Aprendizagem

De acordo com Garcia (1998), é importante, antes de definir a terminologia, compreender o seu significado por partes miúdas. Neste sentido a aprendizagem é o processo pela qual as competências, habilidades Conhecimentos, comportamento ou valores são adquiridos ou modificados, como resultado de estudo.

Aprendizagem é uma das funções mentais mais importantes em humanos e animais e também pode ser aplicada a sistemas artificiais (Wikipedia.2024).

Ao passo que para Nunes (2004) o termo aprendizado ou aprendizagem significa “aquisição de uma técnica qualquer, simbólica, emotiva ou de comportamento, ou seja, mudança nas respostas de um organismo ao ambiente, que melhore tais respostas, com vista à conservação e ao desenvolvimento do próprio organismo.”

Entendemos assim, que independentemente de toda definição, aprendizagem é a maneira mais correcta de conhecer algo e modificar o comportamento dos indivíduos.

1.1.3. Factor

Factor são tido como condições propícias que concorrem para as dificuldades de aprendizagem, que podem ser de vária ordem, tais como: os transtornos mentais, as condições ambientais, problemas relacionados com as políticas públicas, sem deixar de parte os problemas económicos e pedagógicos. Nunes (2004)

Factor é entendido como aquele que faz alguma coisa, o que detrmina ou executa cada um termos da multiplacação. Camacho e Tavares (2015)

No outro sentido, factores são motivos, causas, a razão, fonte, princípios motores, coeficientes, agentes Nunes (2004).

Desta feita consideramos os factores como as causas que afetam outros elementos no nosso afazer diário, deste modo os factores podem ser endógenos como exógenos.

1.1.4. Insucesso

O insucesso significa mau resultado, falta de bom êxito e de eficácia. O termo é utilizado no sistema educativo para caracterizar o fraco rendimento escolar. Assim, o insucesso escolar é a grande dificuldade que uma criança pode ter em acompanhar a sua formação escolar e em atingir os objectivos propostos no tempo previsto de acordo com a sua idade. Nunes (2004)

Camacho e Tavares (2015) define o insucesso como mau resultado, fracasso. Doron e Parot (2011) o insucesso na escola é uma situação de um aluno cujo o resultado não satisfazem as normas.

Estas definições nos permitem argumentar o insucesso escolar como um conceito que é utilizado para fazer alusão aos alunos que deixam de assistir às aulas e que ficam fora do sistema educativo na medida em que os objectivos programados não estão satisfeito.

1.1.5. Aluno

O termo aluno significa literalmente criança de peito, lactente ou filho adotivo (do lat. *alumnus*, *alumni*, proveniente de *alere*, que significa “alimentar, sustentar, nutrir, fazer crescer”) Aluno.

Catarine (1970) entende que o aluno é um conceito que provém de *alumnus*, um termo latino. Esta palavra permite referir-se ao estudante ou ao aprendiz de uma determinada matéria ou de um professor. Um aluno, portanto, é uma pessoa que se dedica à aprendizagem.

Em sentido figurado ou metafórico, porém, aluno significa simplesmente “discípulo” ou “pupilo”, alguém que aprende coletivamente em estabelecimento de ensino pela mediação de um ou vários professores Mendonça (2006).

Estamos de acordo com as definições dadas pelos autores já que consideramos aluno aquele que precisa de uma orientação ou guia para a realização de uma determinada actividade ou tarefa.

1.1.6. Insucesso escolar

Mencionado por Isambert (in Duarte, 2000), a noção de insucesso escolar e a necessidade de definição do conceito, surgiu nos anos 40, estando nessa altura a designação relacionada com o domínio afetivo e psicopatológico, este conceito era muito utilizado em Psicologia clínica, e foram realizados vários testes com crianças de classes sociais mais favorecidas.

O insucesso escolar, de acordo com Mendonça (2006), é uma realidade que infelizmente está presente no meio escolar e não pode nem deve ser indiferente a todos nós, especialmente à comunidade escolar. O insucesso escolar deve-se, por outro lado, à dificuldade de aprendizagem e de assimilação da matéria e o facto de alguns alunos não gostarem de ir à escola (mata aulas) e, ainda menos, de estudar. Para o insucesso, os alunos do sexo masculino (os rapazes) são os que mais tendem a ser caracterizado com o insucesso escolar.

Desse modo podemos concluir que trata-se de insucesso escolar quando alguém não consegue atingir o resultado esperado de aprendizagem numa sala de aula ou instituição educativa.

1.2. Um olhar sobre o passado do insucesso escolar

O conceito de insucesso escolar ou fracasso escolar é algo mutável e está profundamente conectado aos conhecimentos demandados pela sociedade num período histórico específico. Uma criança que fracassa é alguém que, em determinado momento e na avaliação da escola, não consegue aprender aquilo que a instituição espera que os alunos da sua idade aprendam, necessitando de medidas concretas para corrigir a situação.

Isso demonstra que o insucesso escolar não se limita apenas ao não aprender por parte do aluno, é também o reconhecimento oficial, a legitimação desse não aprender.

Bee (2000) afirma ser importante estudar o fenómeno correlacionando-o ao tema da relação do aluno com o saber e com o caminho singularmente construído por ele no contexto interpessoal, do qual é parte integrante. Para o autor, seria mais adequado falarmos das crianças em situação de fracasso escolar.

Para Weiss (1997), a expressão fracasso escolar é a mais conhecida e difícil de ser substituída, embora seja um termo excludente, por não deixar nuances. Fala-se do fracasso escolar de uma maneira global, como se o aluno fracassasse na sua totalidade, ou seja, como se não progredisse em nada durante os anos escolares, no que tange aos seus conhecimentos ou ao seu desenvolvimento pessoal e social.

Smith e Strick (2001) também lembram que o termo é amplamente difundido em diversos países e, por isso, não é fácil modificá-lo, até porque é mais sintético que outras expressões, como “alunos com baixo rendimento escolar” ou “alunos que abandonam o sistema escolar sem a preparação suficiente”.

Os autores acima referenciados chamam à atenção para os rótulos que oferecem uma imagem negativa do aluno, afectando a sua confiança, a sua auto-estima e a crença no seu potencial para superar as limitações.

O mesmo facto acontece se a etiqueta do fracasso for colocada na escola no seu conjunto, porque não alcançou os índices de aprendizagem que se esperam dela. É preciso considerar um conjunto de factores, agentes e instituições, como a família, as condições sociais, o sistema educacional e a própria escola, não sendo adequado analisar apenas os dados e fenómenos isolados.

Essas considerações colocam no centro do debate sobre o fracasso escolar não apenas o questionamento do termo, mas também as diferentes visões que têm abordado o fenómeno, incluindo a clássica teoria da privação cultural, objecto de críticas e controvérsias.

Visões sobre o fracasso escolar ao longo do século XX, a partir dos anos 1920 e 1930, vemos uma perspectiva de análise biopsicológica que culpabilizava a criança pela sua suposta falta de aptidão ou prontidão necessária à aprendizagem. Entre os anos 1960 e 1970 uma vasta produção científica no campo da Psicologia migra o foco para a questão da “carência” ou “privação” cultural, constituindo-se um fenómeno tipicamente norte-americano, como ressalta Freitas (2002).

As pesquisas desenvolvidas com base nessa teoria convergiam para uma idêntica constatação: os membros das camadas desfavorecidas são portadores de deficiências perceptivas, motoras, afectivo-emocionais e de linguagem, suficientes para explicar o seu fracasso escolar.

Localizavam as raízes das dificuldades da criança na escola, no meio cultural. O grupo familiar e social mais próximo com o qual a criança convivia e no qual se desenvolvia seria determinante da falta de domínio de atitudes e competências necessárias para uma boa aprendizagem, colocando-a em situação de fracasso escolar (Ibidem, 2002, p. 36).

A partir deste quadro caberia ao psicólogo diagnosticar as supostas deficiências psicológicas da criança “carente” e, utilizando-se de meios psicopedagógicos, promover a integração dessa criança na cultura da classe média, a fim de se restaurar a igualdade de oportunidades na sociedade vigente.

De acordo com Freitas (2002), nessa época, deu-se a implementação de programas de educação compensatória, tanto no Brasil como em outros países, especialmente nos Estados Unidos.

Ainda o mesmo autor, assegura que esses programas surgiram com o objectivo de oferecer às crianças das classes sociais marginalizadas condições para “recuperarem o atraso”, fosse ele intelectual, verbal, cognitivo, ou diminuir o seu estado de carência. Vencidos o atraso e a carência, a criança estaria em igualdade de condições com os demais alunos na corrida escolar.

As primeiras críticas à abordagem da privação cultural iniciaram-se ainda no final dos anos 1960, focalizando o seu aspecto reducionista e preconceituoso, ao evidenciar que ela contribuía para difundir a visão de que as classes marginalizadas possuíam uma cultura inferior.

Na segunda metade dos anos 1980 e nos anos 1990, surgiram críticas à visão fatalista, que, muitas vezes, levou ao imobilismo perante os problemas sociais e educacionais.

Tais críticas caminharam no sentido de evidenciar como o modelo de sociedade, no modo de produção capitalista, produz estruturas escolares excludentes e selectivas, geradoras de situação de fracasso.

Essa compreensão da mútua relação das práticas sociais e das práticas educacionais foi determinante no percurso da construção de propostas político-pedagógicas inovadoras para o enfrentamento das situações de fracasso escolar.

Nessa direcção, a psicologia histórico-cultural de Vigotsky, ao reforçar o papel da interacção do sujeito com o meio, mediado pela linguagem, como determinante na construção das funções psicológicas superiores, contribui de modo significativo para a discussão do tema em tela. (Vigotsky 1987)

A ideia de uma zona de desenvolvimento proximal, na qual o aluno em permanente movimento/actividade actualiza novas aprendizagens na interacção com o outro e com os objectos da cultura, coloca o ser humano como ser de permanente transformação e de múltiplas possibilidades .

Fonseca (1999) entende que o aluno não deve ser rotulado, estigmatizado nem visto como produto passivo de um determinado contexto, pelo contrário, merece todo o apoio do professor como mediador.

Mais recentemente, alguns autores como Vila Boas (2001) têm proposto uma abordagem multidimensional do fracasso escolar, destacando os diversos factores implicados nessa temática, e a necessidade de superar a ênfase dada pelos estudos nas carências e déficits dos alunos.

1.3. Dificuldades de aprendizagem

Dificuldades de aprendizagem, ou também dificuldades escolares, como descritas por Doron (2011), referem que estas dificuldades podem encontrar-se desde a infância, mas podem constituir um problema novo, passageiro ou duradouro na altura da adolescência.

Tais dificuldades distinguem-se em:

Dificuldades adquiridas na infância, atrasos superiores a 2 anos (insucesso escolar), que podem ter origem na deficiência mental ou na desarmonia cognitiva, sendo a aprendizagem um processo de mudança duradoura no comportamento resultante da experiência. Para o ajustamento psicopedagógico é necessário que o educador continue a estimular a aprendizagem do aluno com reforços positivos ou negativos, na medida em que este vai acertar aquilo que lhe é ensinado.

Desde os tempos idos, as dificuldades de aprendizagem escolar vêm sendo estudadas e pesquisadas por diferentes profissionais em diversas áreas do conhecimento humano.

A inquietação desses profissionais sobre o processo de aprendizagem consiste em saber o porquê de muitos alunos apresentarem baixo desempenho escolar, e observa-se que são inúmeras questões sobre as possíveis causas.

Para Lanhez (2002), [...] alguns rumos que o pensamento humano tomou desde o século passado reforçam a crença de que os problemas de aprendizagem não são restringíveis nem a causas físicas ou psicológicas nem a análises das conjunturas sociais.

A partir da fala do referido autor entende-se que as causas das dificuldades de aprendizagem não podem estar relacionadas com um único factor, mas podem ser decorrentes de vários factores que levam ao fracasso escolar.

Para esta corrente, encontramos diversos pesquisadores que apresentam esta concepção.

Weiss (1997, p.21) diz que “a dificuldade de aprendizagem é causada por uma conjugação de factores interligados que impedem o bom desempenho do aluno-aprendiz”. Bossa (2000) também faz menção de que as dificuldades de aprendizagem estão relacionadas com diversos factores.

Sabemos que o sentido das aprendizagens é único e particular na vida de cada um, e que inúmeros são os factores afetivo-emocionais que podem impedir o investimento energético necessário às aquisições escolares.

Bossa, (2000, p.18) descreve que: “o diagnóstico psicopedagógico assenta sobre diversos sujeitos e sistemas muito inter-relacionados, estamos-nos a referir à escola, ao professor, ao aluno, à família e ao psicopedagogo”.

Ao falar sobre o diagnóstico psicopedagógico, Med et al. (2005) transparecem a ideia de que as dificuldades de aprendizagem advêm de vários factores, por isso, há necessidade de se avaliar o sujeito nos diversos sistemas em que ele está inserido.

Nesta visão, jamais o fracasso escolar pode ser definido por um único factor, o que deve ser considerado no diagnóstico psicopedagógico.

Ainda Lanhez (2002), destaca alguns factores fundamentais que precisam de ser considerados no diagnóstico dos problemas de aprendizagem, entre eles os factores orgânicos, factores específicos, factores psicogénicos e factores ambientais.

Através da descrição dos referidos autores, observa-se que as dificuldades de aprendizagem precisam de um olhar avaliativo em diferentes dimensões e não apenas no aluno. Ou seja, é preciso evitar colocar a culpa do baixo desempenho escolar somente ao aluno, relacionando o problema com um determinado comportamento ou com a sua falta de atenção. Jamais se pode esquecer que os diferentes contextos nos quais o aluno está inserido podem interferir positivamente ou negativamente no seu processo de aprendizagem.

Entretanto, independentemente dos factores que influenciam negativamente a aprendizagem, é preciso, quanto antes, identificar e tratar essas dificuldades.

De acordo com Smith e Strick (2001), o fracasso escolar pode desencadear comportamentos e problemas que prejudicam a criança. Muitos sentem-se furiosos e põem para fora, fisicamente, tal sensação; outros se tornam ansiosos e deprimidos. De qualquer modo, essas crianças tendem a isolar-se e, com

frequência, sofrem de solidão, bem como de baixa auto-estima (Smith e Strick, 2001, p. 16).

Ainda Weiss (1997, p. 21), sustenta que durante o processo de aprendizagem “há uma relação totalmente aberta com o objecto a ser conhecido, situação que cria uma reacção de temor, gerando ansiedade e angústias básicas: o aluno não avança na construção do conhecimento e pode apresentar condutas estereotipadas e regressivas”.

Bossa (2000), ao falar do sofrimento da criança com dificuldades de aprendizagem, diz: Sabemos que o problema de aprendizagem escolar sempre traz sofrimento. Sofrimento este que muitas vezes vem camuflado através de comportamentos que sugerem desinteresse, desatenção, irresponsabilidade, etc.

A criança ou o adolescente muitas vezes prefere acreditar e fazer os outros acreditarem que vai mal na escola porque é desinteressado. Aceitar que não entende a matéria, para esses jovens, significa ser “burro”.

(Medonça, 2006 p. 13) destaca as consequências do sofrimento do não aprender:

Muitas vezes, após anos de sofrimento, acaba por abandonar os estudos, sem saber que foi levada a abrir mão de uma parte da felicidade: o prazer de conhecer coisas maravilhosas que a natureza reservou para o ser humano (Vilas-Boas, 2001, p.30).

Infelizmente, esse sofrimento e as consequências abordadas por Bossa (2000) são uma realidade no contexto escolar, devido à falta de atenção dada a esses casos e à ausência de uma avaliação diagnóstica sobre essas dificuldades de aprendizagem. As crianças que apresentam tais comportamentos são rotuladas, punidas e mal compreendidas, deixadas de lado e, por fim, traumatizadas, ao prosseguirem com os seus estudos.

Marques (2001) também fala sobre o surgimento do comportamento diferenciado da criança com dificuldade de aprendizagem como uma descompensação: podemos considerar o problema de aprendizagem como sintoma, no sentido de que o não aprender não configura um quadro

permanente, mas ingressa numa constelação peculiar de comportamentos, nos quais se destaca como sinal de descompensação (Alves, 2007, p. 28).

Mas, de acordo com Weiss (1997, p. 28), “o que é percebido pelo próprio indivíduo ou pelos outros é chamado de sintoma [...] Com o sintoma, o sujeito sempre diz alguma coisa aos outros, se comunica, e sobre o sintoma sempre se pode dizer algo”. Neste contexto, a autora enfatiza que muitas vezes se olha para o sintoma mas não se busca saber o que está a causar o problema.

Na verdade, é necessário investigar as causas das dificuldades de aprendizagem, e não apenas se prender a comportamentos inadequados apresentados pela criança. Alves (2007) diz que muitos alunos enfrentam esse problema no início da vida escolar, outros o apresentam no decorrer dos anos, e muitos levam-no durante todo o ciclo escolar.

Independentemente do ano escolar e da idade, as dificuldades de aprendizagem aparecem e são visíveis. Na sua grande maioria podem ser superadas ou amenizadas se bem diagnosticadas e tratadas, com exceção de casos específicos.

Smith e Strick (2001) aconselham que os pais precisam de estar atentos ao comportamento diferenciado da criança e à sua expressão verbal na fase escolar. Os pais precisam de se preocupar, quando ouvem referências da criança a si mesma em termos negativos: “Sou estúpido”, “Não tenho jeito”, “Ninguém gosta de mim”, “Não consigo fazer nada direito”, etc. Os alarmes também devem soar se uma criança faz uso frequente de “Eu não consigo” (Smith e Strick, 2001, p. 76).

Realmente, sinais como estes abordados por Smith e Strick (2001) são bastante significativos para se perceber que a criança está a passar por uma dificuldade no processo de aprendizagem.

O sofrimento, a frustração, o sentimento de inferioridade é perceptível quando a criança expressa “Eu não consigo”, “Não tenho jeito mesmo”. Por isso, não apenas os pais, mas o professor e todos os envolvidos no processo de ensino e aprendizagem da criança precisam de apresentar um olhar atento a esses sintomas, para identificarem as causas e intervirem o quanto antes (Alves, 2007).

1.4. Dificuldades de aprendizagem específicas

Como já foi abordado anteriormente, o termo dificuldades de aprendizagem tem sido utilizado por muitos autores para fazerem referência a um sujeito que no processo escolar não consegue alcançar a aprendizagem esperada de acordo com a sua idade cronológica e ano escolar. Contudo, às vezes este fracasso escolar pode estar relacionado com uma dificuldade de aprendizagem bem específica.

Farrell (2008) fala sobre essas dificuldades de aprendizagem, especificamente a **dislexia, dispraxia e a discalculia, a disgrafia**, que estão presentes no meio escolar. Estas dificuldades de aprendizagem estão mais relacionadas com a aquisição da escrita, da leitura e com o raciocínio matemático. Com base nalguns autores, as características comuns de cada uma dessas dificuldades configuram-se como um conhecimento essencial do professor para auxiliar o aluno no processo de ensino e aprendizagem.

Embora a aprendizagem esteja presente desde o início da vida, geralmente é na escola que as dificuldades de aprendizagem são percebidas, pois elas passam a ser sistematizadas. Uma vez que as dificuldades de aprendizagem são definidas como problemas que interferem no domínio de habilidades escolares básicas, elas só podem ser formalmente identificadas até quando uma criança começa a ter problemas na escola (Smith e Strick, 2001, p.63).

Quando uma criança, ocupando o mesmo espaço em sala de aula com os outros alunos, tendo igual acesso à metodologia do professor e a tudo que acontece neste ambiente, não avança no processo de aprendizagem, com o passar do tempo essa dificuldade de aprendizagem agrava-se e a criança apresenta regressão na aprendizagem.

No entanto, estas dificuldades de apossar os novos conhecimentos podem estar ligadas a uma dificuldade de aprendizagem específica. Smith e Strick (2001) referem que as crianças com dificuldades de aprendizagem comumente estão lutando numa ou mais de quatro áreas básicas que evitam o processamento adequado de informações: **atenção, percepção visual, processamento da linguagem ou coordenação muscular** (Smith e Strick, 2001, p. 36).

1.4.1. Dificuldade de aprendizagem na área de leitura

1.4.1.1. Dislexia

Farrell (2008) apresenta a dislexia como sendo uma dificuldade de aprendizagem específica que está relacionada com a dificuldade de processamento das informações. E segundo o autor, ao longo do tempo, muitos profissionais procuram estudar sobre essas dificuldades de aprendizagem específicas, e a partir de pesquisas e observações surgiram muitas definições.

Entre uma das muitas definições apresentadas por Farrell (2008) sobre a dislexia Farrell refere que os alunos com dislexia têm uma dificuldade acentuada e persistente para aprenderem a ler, escrever e soletrar, apesar do progresso em outras áreas. Os alunos podem ter compreensão de leitura, escrita manual e pontuação deficientes.

Eles também podem ter dificuldade de concentração, organização e em lembrar sequências de palavras. Podem errar a pronúncia de palavras comuns ou inverter letras e sons nas palavras (Farrell, 2008, p. 27).

Já de acordo com a Associação Brasileira de Dislexia - ABD (2012), uma definição actual sobre a dislexia foi apresentada em 2003 pela The International Dyslexia Association, dizendo que:

Dislexia é uma dificuldade de aprendizagem de origem neurológica. É caracterizada pela dificuldade de fluência correcta na leitura e pela dificuldade na habilidade de decodificação e soletração.

Essas dificuldades resultam tipicamente do déficit no componente fonológico da linguagem que é inesperado em relação a outras habilidades cognitivas consideradas na faixa etária (ABD, 2012).

1.4.1.2. Dificuldades de aprendizagem na área de escrita

As dificuldades na área da escrita são significativas no desenvolvimento de habilidades relacionadas com a escrita, que não se explicam por uma deficiência mental ou por uma má qualidade da escola (Farrell, 2008, p. 27).

Podem ser classificadas em dois tipos, conforme ilustrámos no destaque a seguir:

Disgrafia

Envolve erros na pontuação, sintaxe, estruturação da escrita, posição das letras, organização dos parágrafos. Costuma vir associada às dificuldades de leitura e de cálculo. Tanto a dificuldade de leitura quanto a de escrita são comumente relatadas pelos professores em nossas escolas públicas.

No ano de 2004, o Comité Cearense de erradicação do analfabetismo identificou que, 80% das crianças que chegam ao quinto ano (antes 4ª série) do ensino fundamental não estão plenamente alfabetizadas. Isto demanda um trabalho efectivo dos educadores.

Segundo (Ibidem), é fundamental que a intervenção se dê na escola, contando com professores, especialistas e a família, e prestando sempre atenção ao ritmo da criança, à fase de desenvolvimento da escrita na qual se encontra e à consideração do universo cultural no qual ela vive.

1.4.2. Dificuldades de aprendizagem na área da matemática

As dificuldades de aprendizagem na área da matemática, de acordo com Marques (2001), são descritas como dificuldades significativas nas matemáticas que não são ocasionadas por outros transtornos.

Aqui é muito importante o acompanhamento da criança por parte dos profissionais da área da Psicologia, assim como de pedagogos; se for necessário, que se elaborem diagnósticos, a fim de se encaminhar o aluno para uma atenção especializada.

Até porque a matemática tem sido vista como “matéria muito difícil”, não motivadora, que leva muitas vezes os alunos ao desinteresse e à dificuldade de compreensão dos conteúdos.

Discalculia

Transtorno nas habilidades matemáticas, apresentando erros na compreensão dos números, nas habilidades de contagem e na solução de problemas verbais.

Exige conhecimento aprofundado sobre o desenvolvimento da criança, especialmente em relação aos aspectos do raciocínio lógico-matemático.

Os estudos de Piaget são de grande importância na compreensão dessa temática.

1.4.3. Dificuldades de aprendizagem relacionadas com os transtornos emocionais

Os outros transtornos que geram dificuldades na aprendizagem, além dos transtornos que foram explicados anteriormente, há outros que não se referem directamente às habilidades exigidas na educação escolar, como leitura, escrita e cálculo, mas se referem a aspectos da pessoa, que são fundamentais para que ela possa aprender e se integrar plenamente na escola.

De acordo com Henry Wallon (1989), enfatiza-se a relação entre os aspectos emocionais, físicos e mentais para o desenvolvimento de crianças e adolescentes.

Assim, apresenta-se então três tipos de transtornos: Transtornos de conduta, transtornos emocionais e Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperactividade, também conhecido pela sigla TDAH.

1.5. Transtornos de conduta

Os transtornos de conduta, segundo a Associação Americana de Psiquiatria (APA), entidade que é referência na psiquiatria mundial, são considerados: Padrões persistentes de comportamento envolvendo altos níveis de agressão, irritabilidade, condutas anti-sociais, dificuldades em aceitar normas, regras e limites, ataques de birra, condutas ameaçadoras, e furtos.

Alguns estudos têm mostrado que os transtornos de conduta podem ser classificados segundo a etapa em que se produzem. Por conseguinte, há aqueles que aparecem na infância e perduram pela vida toda.

Para Bee (2000), em geral essas crianças têm vínculos afectivos frágeis, são inseguras, e os pais têm dificuldades em impor-lhes limites e de controlá-las. Assim, são comuns esses problemas tomarem grande dimensão na escola, o que tende a isolar esses alunos cada vez mais do seus pares, aumentando a dimensão dos problemas, principalmente porque são crianças e jovens que violam o direito dos outros, as normas e as regras básicas de convivência.

Outro grupo envolve pessoas que começam a ter comportamentos problemáticos na adolescência. Esses comportamentos tendem a ser mais brandos e transitórios, conforme os conflitos vividos nessa etapa da vida vão sendo superados.

Para Topczewski (2000), são diversos os factores envolvidos nesse transtorno, os quais estão muitas vezes relacionados com situações adversas, como: instabilidade familiar, violência doméstica, má alimentação, falta de estímulos adequados ao desenvolvimento saudável, miséria, baixa escolarização, etc.

Portanto, é um problema que requer também a avaliação multidisciplinar e análise aprofundada do contexto do aluno.

1.6. Transtornos emocionais

Os transtornos emocionais são considerados na categoria de internalização de problemas, tendo na depressão a forma mais frequente, especialmente manifestada na adolescência. Contudo, há também presença na infância, inclusive de transtornos mais graves, como psicoses.

Sobre esses transtornos, López (2004) ressalta que na depressão há perda de interesse pelas actividades em geral, mudança no apetite e no sono, falta de energia, lentidão ou agitação motora, irritação, ideia de morte, etc.

Esses sintomas têm implicações no ensino e na aprendizagem escolar, manifestados pela falta de concentração, pelo desinteresse e pela diminuição do rendimento escolar. Para o autor, tanto os transtornos emocionais quanto os de conduta têm uma relação forte com as dificuldades de aprendizagem, sendo problemáticas que se potencializam mutuamente.

É necessária uma atitude preventiva por parte da família, da escola e da sociedade, lutando pela priorização de políticas sociais voltadas para a saúde, o bem-estar e para a qualidade de vida das pessoas.

1.7. Transtorno do Déficit da Atenção e Hiperactividade (TDAH)

Esse transtorno tem sido definido pela APA, através do manual de diagnóstico estatístico DSM-IV, como: Padrão de conduta em crianças e adolescentes referente à dificuldade em manter a atenção, controlar os impulsos e regular a conduta motora de acordo com as demandas do ambiente.

Neste caso, a atenção está relacionada com as dificuldades em concentrar-se. A hiperactividade por sua vez expressa-se através da inquietação e agitação motora.

De acordo com Freitas (2002), esse é um dos transtornos psíquicos que interferem não só no desempenho escolar, mas também nos relacionamentos.

Para a autora, ele manifesta-se em 3 a 5% das crianças, predominando nos meninos, sem que haja uma causa específica. Nesse sentido, é preciso levar em conta os aspectos biológicos e também o meio onde a criança vive, tanto familiar como escolar.

É essencial um diagnóstico amplo envolvendo vários profissionais, como: professores, pedagogos, psicólogos, médicos etc.; eles devem ter o cuidado de evitar rotular as crianças mais activas, inquietas, curiosas e indisciplinadas como sendo portadoras do transtorno de hiperactividade.

A escola muitas vezes é desmotivadora e a criança não vê sentido no que está a aprender, o que faz com que se desinteresse e busque outras actividades, ainda que inadequadas, como conversar, levantar da carteira, querer sair da sala. Por outro lado, não podemos desconsiderar que a criança pode ter TDAH, manifestando dificuldades em prestar atenção (muitas vezes não se concentra ou se concentra por pouco tempo em qualquer actividade, seja filme, historinha, artes, desporto, escrita, etc.).

Também manifesta dificuldade para perceber detalhes, organizar as tarefas e o seu tempo. Assim, comete muitos erros, gerando ansiedade aos professores que não sabem como lidar com a situação. Vale salientar que todas estas dificuldades exigem um diagnóstico cuidadoso, abrangente e realizado por uma equipa multidisciplinar, porque as causas (etiologia) são múltiplas, isto é, são coisas de ordem cognitiva, psicomotora e neurológica.

Os professores frequentemente se sentem ansiosos diante do “não aprender” e costumam atribuir a responsabilidade primordial dessa problemática aos próprios alunos ou à ausência das suas famílias.

Bee (2000) destaca que grande parte dos alunos diagnosticados com dificuldades de aprendizagem, de facto, não as possuem. Todavia, aqueles que realmente têm dificuldade de aprendizagem muitas vezes não encontram um

professor com uma formação satisfatória para lidar com o tema, não encontram uma escola inclusiva que os receba sem preconceitos, e profissionais que os ajude nas suas necessidades educacionais especiais.

Nunes e Rosemary (2015)

Deste modo, Grisay (2004), apud Nunes e Rosemary (2015), sublinha a importância de se considerar a diferença entre dificuldade de aprendizagem e fracasso escolar. A primeira é um fenómeno universal que afecta os indivíduos em diferentes contextos.

Portanto, pode ocorrer mesmo em condições sociais, afectivas e escolares adequadas. O fracasso escolar, ao contrário, não tem nada de universal. É um fenómeno historicamente recente e ligado, na nossa sociedade, ao surgimento da instituição escolar, especialmente a partir do século XIX, com o advento da Revolução Industrial (Enguita, 1989).

1.8. Diagnóstico das dificuldades de aprendizagem

As dificuldades de aprendizagem surgem na sua maior parte por uma condição relacionada com o distúrbio neurológico, pelo que, algumas características comuns à criança disléxica, como a dificuldade na leitura e na escrita, são manifestações de desinteresse para aprender.

Por isso, jamais se pode tratar a criança disléxica como aquela que não se esforça para aprender a ler ou escrever, simplesmente porque ela está abaixo do desempenho esperado para a sua idade.

Lanhez e Nico (2002) apresentam alguns sintomas comuns da dislexia, como a demora na aquisição da leitura e escrita, lentidão, dificuldades com os sons das palavras, com rimas, escrita incorrecta, omissão de letras, dificuldade em associar o som ao símbolo e dificuldades nas actividades que envolvam sequenciação, entre outros.

Também, segundo Topczewski (2000, p. 59),“ as crianças disléxicas apresentam uma leitura lenta, trabalhosa, palavra por palavra, e isso interfere na compreensão de texto.

Além “disso, as distorções que aparecem na escrita reforçam o diagnóstico”. O autor enfatiza que é essencial que os pais, professores estejam atentos às

características dessa dificuldade de aprendizagem, para não punirem a criança pensando que esta não gosta de ler ou escrever ou tem falta de interesse no processo de aprendizagem. O diagnóstico da dislexia é trabalhoso e requer um olhar atento.

Segundo a Associação Brasileira de Dislexia - ABD (2012), o diagnóstico da dislexia é realizado por uma equipa multidisciplinar que avalia, observa e investiga com base em critérios que levam à identificação da mesma.

Uma equipa multidisciplinar, formada por neuropsicólogos, fonoaudiólogos e psicopedagogos, deve iniciar uma minuciosa investigação. Essa mesma equipa deve ainda garantir uma maior abrangência do processo de avaliação, verificando a necessidade do parecer de outros profissionais, como Neurologista, Oftalmologista, e outros, conforme o caso.

A equipa de profissionais deve verificar todas as possibilidades antes de confirmar ou descartar o diagnóstico de dislexia. É o que chamamos de avaliação multidisciplinar e de exclusão (ABD, 2012).

Através das abordagens dos autores já citados, a dislexia também pode interferir na escrita. É comum na escola encontrarmos alunos com uma grafia linda e ao mesmo tempo aqueles que apresentam uma letra ilegível, mas com tamanha inteligência. Contudo, essa letra ilegível pode estar relacionada com um dos aspectos da dislexia que é a disgrafia, que influencia directamente no traçado da escrita. Essa ideia é reforçada por Davis e Braun (2004 p.73), apud Nunes e Rosemary (2015), que dizem: “Quando um disléxico tem problemas com a escrita, esta geralmente é diagnosticada como grafia ou disgrafia”.

Para Topczewski (2000, p. 65), “a disgrafia caracteriza-se por uma escrita mal elaborada, feia, não se conseguindo, muitas vezes, decifrar o que está escrito. Às vezes, nem a própria criança consegue entender o que escreveu”. Aqui se observa que a grafia mal traçada e ilegível não se trata do não querer da criança em caprichar na escrita, mas isto é uma consequência desse distúrbio de aprendizagem.

Na verdade, por mais que essa criança se esforce para adquirir a habilidade na escrita e na leitura, ela apresentará grande dificuldade, que consequentemente pode levar à frustração escolar se não for auxiliada. Davis e Braun (2004) explicam que a disgrafia dos alunos disléxicos é o resultado de uma desorientação que implica na

difficuldade da escrita. As dificuldades com a grafia que os disléxicos apresentam são, principalmente, resultados da desorientação. Quando ocorre uma desorientação, a pessoa percebe múltiplas imagens da palavra.

Ela é vista de frente para trás, de trás para diante, de cabeça para baixo em ambos os sentidos. Além disso, ela é desmembrada e reagrupada em todas as combinações possíveis (Bossa, 2000, p. 66).

Através da citação desses autores, percebe-se quão difícil é para a criança disléxica lidar com essa desorientação.

Não é apenas a sua grafia, que visivelmente pode ser observada, que é afectada, mas algo que está além do que não pode ser percebido pelos que a cercam, isto é, como essa criança processa a descodificação das letras. Por isso, ler com fluência é muito difícil para a criança com dislexia.

Davis e Braun (2004), apud Nunes e Rosemary (2015), reflectem sobre outro obstáculo que o disléxico enfrenta no mundo da leitura. Embora o avanço da tecnologia possibilite criar com um computador diferentes estilos de letras, isso constitui-se mais uma dificuldade para o disléxico, pois essa variedade de estilos lhe causa distorção para conseguir descodificar tantos símbolos diferentes que representam uma mesma letra.

Bassedas (1996), no seu artigo “E a escola, o que pode fazer pelo disléxico?”, apresenta algumas orientações aos professores para auxiliar o aluno disléxico no processo de ensino e aprendizagem. Entre as orientações abordadas por esse autor estão:

Evitar expor o aluno disléxico a ler em voz alta na sala de aula, realizar leitura prévia da prova para auxiliar na descodificação ou dar a oportunidade de realizá-la oralmente, além de actividades que envolvam escrita, oferecer outras formas de trabalho extra; sempre que não conseguir identificar o que o aluno escreveu perguntar-lhe, oferecer mais tempo para o aluno realizar as actividades, permitir que o aluno utilize recursos como calculadora, tabuada e formas escritas que o auxiliem nos cálculos matemáticos.

A partir da ideia apresentada pelos diversos autores já citados percebe-se como é essencial a avaliação diagnóstica do aluno que apresenta características da

dislexia. Isto possibilita uma intervenção precoce, que lhe dá condições de adquirir as habilidades básicas para a leitura, a escrita e a matemática. A criança disléxica necessita de um olhar especial dentro do contexto escolar, uma vez que as pesquisas apontam que a sua dificuldade de aprendizagem é neurológica.

E quando a criança é diagnosticada, o professor tem a oportunidade de ensinar utilizando ferramentas adequadas de ensino.

1.9. Causas das dificuldades de aprendizagem

Quanto às causas das dificuldades de aprendizagem, Lopes (2008), na sua obra refere que as causas das dificuldades de aprendizagem constituem um grupo de problemas heterogêneos, pelo que se torna difícil a delimitação da área a que fazem referência.

O termo dificuldades de aprendizagem pode referir-se a uma área ampla e complexa que, para alguns autores, o termo pode recair com maior incidência sobre a educação regular e para a educação especial, enquanto que para os outros sobrepõe-se à educação especial, incluindo a maior parte dos transtornos que esta trata.

De acordo com os dados estatísticos disponíveis em Portugal e em Angola, existe uma percentagem significativa de alunos com insucesso escolar que não conseguem atingir os objectivos propostos pelo sistema educativo, Faustino (2002).

Tais causas do insucesso escolar são várias, porém, destacam-se os factores exógenos e endógenos, que são:

➤ Factores exógenos das dificuldades de aprendizagem

A falta de preparação dos docentes;

O elevado número de alunos na sala de aula;

O distanciamento da escola;

A falta de material escolar;

A falta de condições sociais e económicas;

A falta do incentivo dos pais;

Falta da merenda escolar;

O ruído;

Os amontoados de lixo nas proximidades escolares

➤ **Factores endógenos das dificuldades de aprendizagem**

Quanto aos factores endógenos, muitas outras abordagens apontam como causas principais os problemas ou transtornos de aprendizagem centrados no aluno.

Neste sentido, os factores endógenos podem ser de nível sensorial, cognitivo e fisiológico; isto é, resultados do estado mental e das condições físicas da criança, tais como:

Febre;

Cólicas intestinais,

Anemia;

Asma, assim como outros males que a atingem fisicamente.

As causas sensoriais referem-se a todos os distúrbios relacionados com as perturbações dos órgãos do sentido, tais como:

Problema de visão;

Problema de audição

Problema de olfacto e tacto, isto causará deformação na captação de informação e, conseqüentemente, na compreensão.

As causas neurológicas resultam das perturbações do sistema nervoso, nomeadamente:

Problema no cérebro;

Problema no cerebelo;

Problema na medula espinal;

Problema nos nervos.

E assim vai a sequência das causas endógenas, de acordo com Fonseca (1999).

1.10. Dificuldades de aprendizagem como factores do insucesso escolar

As dificuldades de aprendizagem não geram somente o insucesso escolar como consequência dessas mesmas dificuldades. Muitas vezes os alunos, ao aperceberem-se do insucesso, tendem a abandonar a escola, a fim de encontrarem as suas realizações fora da escola.

Neste sentido, Mendonça (2006) explica que existem várias causas do abandono escolar e que para cada causa há uma história. Dessa forma, cerca de 80% dos alunos desistentes têm atraso escolar no momento do seu abandono.

Em cerca de metade dos casos, estes atrasos têm origem no curso Primário. Podemos facilmente interpretar que não é fácil começarem o Primeiro Ciclo do Ensino Secundário aos 13 ou 14 anos. Isto predispõe os jovens a viverem outros insucessos, que os levam gradualmente a abandonar os estudos.

Como se disse por autores acima, as causas das dificuldades são várias, assim como as suas consequências; e face a esta realidade, são apontadas algumas consequências advindas das dificuldades de aprendizagem:

a) Integração/relacionais:

- Falta de interesse e motivação;
- Aborrecimento;
- Idade (sentem-se muito velhos em relação aos colegas);
- Problemas com os professores;
- Problemas com os colegas e funcionários;
- Inadaptação à escola;
- Interesse por outras actividades;
- Maus resultados;

b) Familiares:

- Responsabilidades e problemas familiares;
- Nível de instrução considerado suficiente para a actividade profissional;
- Problemas financeiros (necessidades económicas);

- Necessidade de começar a trabalhar;

c) Acessibilidade:

- Problemas de transporte.

Aparecem ainda razões de ordem física (saúde) e social (gravidez, casamento) e várias causas simultâneas (ABD, 2012).

Os autores que abordaram o abandono escolar privilegiam uns factores ou outros, diferentes causas ou razões, e situam-nos em contextos sócio-históricos.

No entanto, existem outros estudos que questionam também as responsabilidades da escola na produção do abandono escolar e apontam necessárias transformações; outros ignoram o seu papel, centrando-se quer nos jovens e nas suas características, quer na família e na comunidade.

1.11. Teorias psicológicas que dão ênfase às dificuldades de aprendizagem

No quadro teórico e no domínio da psicologia fundamenta-se teoricamente o que está na base das dificuldades de aprendizagem como factor de insucesso escolar.

Assim, as pesquisas feitas, tal como se disse anteriormente, apontam vários marcos teóricos, quer os clássicos como os contemporâneos.

As teorias clássicas, como refere Wong (1979), apud Nunes, foram muito produtivas no que concerne à compreensão das dificuldades de aprendizagem. Podem, no entanto, de acordo com as várias perspectivas, classificar-se em grandes quatro grupos:

Teorias centradas no sujeito, teoria interaccionista, teorias centradas nas tarefas e teorias ambientais.

Ao passo que Casas (1996) refere que as teorias se situam no sujeito e, no extremo oposto, as teorias centradas nas tarefas e as teorias ambientais. Estas interligam-se com os modelos mecanicistas do desenvolvimento que se contrapõem ao modelo do desenvolvimento organicista, no qual se baseam as teorias centradas no sujeito.

1.11.1. Teorias centradas no sujeito

Este tipo de teoria, nas suas diferentes interpretações e modalidades, atribui a origem das dificuldades de aprendizagem a uma série de condições inerentes à própria criança.

De acordo com os problemas que lhe estão especificamente subjacentes, podem classificar-se em cinco grandes grupos:

1. Teorias neurofisiológicas;
2. Teorias genéticas;
3. Teorias de atraso no desenvolvimento;
4. Teorias dos défices perceptivos;
5. Teorias do comportamento da informação.

1) Teorias neurológicas

Os defensores deste tipo de teorias tentam, de algum modo, encontrar relações entre os problemas de aprendizagem e disfunções ou lesões no sistema nervoso central (SNC).

São as teorias mais antigas e constituem, por isso, o marco de referências no campo das dificuldades de aprendizagem e nelas estão reunidos os nomes de médicos conhecidos, como Hinshelwood, em 1917; Kurt Goldstein, em 1942, e Strauss e Letthinem, em 1947.

Os trabalhos por estes desenvolvidos, alguns dos quais se referem à etapa da fundação do campo das dificuldades de aprendizagem, que iriam constituir sementes germinadoras de vários outros estudos que vieram a surgir.

Esta teoria foi postulada por Samuel Orton, que ficou conhecida como a teoria da falha de dominância cerebral, e afirma:

(...) que um hemisfério cerebral tem que dominar o outro, isto é, tornar-se especializado em certas funções, especificamente na linguagem, para que uma criança seja capaz de aprender. Se isto não acontecer, surge confusões e atraso, assim denominada “estrefossimbolia” (sinais invertidos). (Weiss, 1997, p.32)

Outros trabalhos realizado por Strauss e Lethinen (1947) no campo da medicina na Segunda Guerra Mundial com soldados lesionados postulam que certas crianças classificadas com o atraso mental exógeno e que tinham dificuldades de aprendizagem, sofriam de lesão cerebral.

As teorias actuais, dentro desta perspectiva neurológica, como se pode ver em Miranda Casas (1996), têm as suas raízes na teoria defendida por Orton, que se baseia na ideia de que o hemisfério esquerdo realiza de maneira especializada o processamento unimodal e a retenção de códigos simples, enquanto o hemisfério direito está mais capacitado para realizar uma investigação intermodal e processar as informações novas e complexas.

2) Teorias genéticas

Sobre as dificuldades de aprendizagem, há abordagens muito fortes que relacionam a teoria genética com as DA.

Verifica-se uma forte evidência de que um factor genético tenha a participação na causa das dificuldades de aprendizagem (Vilas-Boas 2001 p.32).

Baseando-se na revisão da literatura, surgiu a existência de um factor poligenético que, perante as influências ambientais de diferentes tipos, predispõe um indivíduo às dificuldades de aprendizagem. Esta relação genética caracterizou-se como dominante “autossómico” e “mono-híbrido”. A dominância significa que o problema aparece em duas ou mais gerações seguintes; o mono-hibridismo indica que somente um gene define a característica autossómica, porque nesta forma de intervenção genética intervém um cromossoma não sexual, mas autossómico (Miranda Casas, 1996).

3) Teorias de atraso no desenvolvimento

Esta abordagem, de acordo com Vilas-Boas (2001), é também conhecida como teoria da lenta progressão maturacional. Baseia-se num aumento de competências adquiridas pela criança ao longo do seu desenvolvimento. Competências estas relacionadas com alterações cerebrais que, como tal, postulam que determinadas áreas cerebrais das crianças com dificuldades de aprendizagem ainda não passaram por essas alterações e, por isso, pode ocorrer atraso numa ou mais área de aprendizagem.

4) Teorias de défices perceptivos

Por detrás desta denominação agrupam-se todas aquelas teorias que justificam as dificuldades de aprendizagem como consequências de diferentes tipos de deficiências perceptivo-motoras.

Baseiam-se na premissa de que o desenvolvimento motor e/ou perceptivo antecede o desenvolvimento conceptual e cognitivo, constituindo, por isso, um pré-requisito imprescindível para este desenvolvimento (Miranda Casas, 1996. P. 64).

Dentro desta linha de pensamento situam-se os trabalhos de Enguita (1989). Este investigador propôs uma teoria perceptivo-motora segundo a qual os problemas de crianças lentas para a aprendizagem devem-se a uma série de deficiências nos sistemas perceptivos e motores.

Assim, para este autor, a recuperação deveria capacitar a criança para que perceba, de maneira adequada, a orientação espacial do seu próprio corpo, do qual depende o desenvolvimento da percepção espacial das letras e dos números.

1.11.2. Teorias do processamento da informação

Este tipo de teoria postula que as dificuldades de aprendizagem se devem às deficiências nas funções de processamento psicológico (Fonseca, 1993). Como referencia Miranda Casas (1996), as crianças com DA são aquelas que apresentam alterações num ou em mais dos processos psicológicos básicos atrás referidos, e que em consequência disso, têm problemas para adquirir e integrar as novas informações que as aprendizagens escolares implicam.

Existem, contudo, vários modelos de processamento psicológico propostos para explicar as dificuldades de aprendizagem. Estes estudos, apesar de terem início nos anos de 1930, só a partir dos anos 1950 é que começaram a ter alguma importância teórica e prática.

Contudo, só na década de 1970, por influência da psicologia cognitiva, se lhe deu um maior relevo. Pode-se mesmo afirmar, como está descrito em Rebelo (1993), que é a teoria mais aceite no campo científico, no âmbito da psicologia cognitiva. Esta teoria, como postulam Kirby e Williams (1991), parte do princípio de que os processos psicológicos básicos do processamento da informação obedecem à seguinte descrição.

“1) A informação entra no sistema; 2) e há uma breve retenção da informação na memória de trabalho enquanto aquela é examinada segundo a sua relevância ou importância; 3) alguma desta informação é seleccionada para o futuro processamento (esquecimento, rechamada ou recodificação); 4) e os resultados desse processamento são armazenados de uma forma mais ou menos permanente na memória de longo tempo. Depois (5), a resposta / acção é preparada

e essa preparação envolve a coordenação de informação previamente aprendida e da informação actual que entra no sistema; sendo que (6) a realização de todos estes processos é feita sob a direcção e controlo de um programa ou plano de acção (Cruz, 1999, p. 41-42 apud Nunes, 2004). ”

Como se pode observar, esta teoria enfatiza que as causas das dificuldades de aprendizagem estão assentes na problemática de processamento das informações que são captadas e posteriormente codificadas

Neste sentido, é importante que na aparição destes problemas o professor procure falar com a família ou notificar a assistência de um psicólogo clínico, a fim de se avaliarem as causas do insucesso de forma mais aprofundada.

1.11.3. Teorias ambientais

As teorias ambientais consideram que os determinantes fundamentais no surgimento das dificuldades de aprendizagens são factores próprios dos diversos contextos ambientais em que permanece a criança.

Assim, e segundo Miranda Casas (1996), apud Nunes (2015), englobam-se dentro desta perspectiva diversas teorias: i) teorias que destacam o papel do sistema imediato à criança, como a família e a escola; ii) teorias com um carácter mais global e complexo, como por exemplo, o sistema cultural e social.

Assim, e relativamente ao primeiro grupo de teorias, postula-se que as dificuldades de aprendizagem são o resultado de uma inadequação quanto ao funcionamento do próprio sistema escolar. Os factores mais referenciados são a pedagogia inadequada, programas desajustados, personalidade dos professores e variáveis ecológicas (temperatura, ruídos, luminosidade...).

1.11.4. Teorias centradas na tarefa

Os defensores deste enfoque teórico postulam que as dificuldades de aprendizagem se relacionam com deficiências nas condutas que intervêm na dita aprendizagem. Partem do princípio de que as DA são simples indicadores de comportamento desadaptativos, e como tal, podem ser modificadas, como se procede com outros transtornos de comportamentos (Perez, 2004, p.47).

Assim, este enfoque tenta explicar o comportamento por relações observáveis entre respostas dadas pelas crianças e os estímulos-condições nas quais essas respostas ocorrem (Skinner, 1995).

Trata-se de um modelo essencialmente académico que surge numa perspectiva de oposição ao modelo neurofisiológico, pois, como argumentam os seus defensores, a utilização de rótulos, como o de disfunção cerebral mínima, serve como desculpa para que os professores justifiquem o seu fracasso no ensino (Miranda Casas, 1996, apud Nunes 2015).

Reduzem as expectativas que os pais e os professores têm sobre as possíveis realizações das crianças, o que pode repercutir-se negativamente sobre estas crianças, já que deixa liberdade para se gerar ao seu redor um ambiente menos estimulante e com exigências mínimas (cit in Cruz, 1999, p. 37).

Em linhas gerais, esta abordagem comportamentalista de recuperação das DA, segundo Vila Boas (2001), assenta em três características principais:

- **Individualização:** o ponto de partida do processo educativo baseia-se na relação entre as áreas fortes e débeis, específicas de cada indivíduo e avança só na proporção em que a criança pode progredir, devendo estar a aprender a realizar com proficiência cada tarefa antes de iniciar a aprendizagem seguinte.

- **Ensino directo:** os métodos comportamentais baseiam-se nos princípios de aprendizagens e de influências sociais que se orientam directamente para os comportamentos que são necessários modificar, em vez de se orientarem para as alterações inferidas, que se pensa serem subjacentes ao comportamento desadaptado.

- **Ênfase na avaliação:** a avaliação frequente ou contínua dos comportamentos a modificar é uma parte essencial do ensino ou terapia, pois é este processo de avaliação que fornece informação contínua tanto sobre a eficácia ou ineficácia dos métodos utilizados para produzir mudanças no comportamento, como sobre a necessidade ou não de modificar os procedimentos.

1.11.5. Teorias interaccionistas

Este tipo de teoria postula que as dificuldades de aprendizagem obedecem à interacção entre as várias instrutivas ou ambientais e variáveis centradas na criança.

Este enfoque tem como principal objectivo a delimitação das dimensões ambientais, em torno das quais muda a estrutura das tarefas, como também dos processos psicológicos correspondentes.

Dentro deste grupo de teorias, segundo a autora citada, destaca-se o modelo (cognitivo evolutivo) proposto por Hargen e o modelo interaccionista proposto por Adelman relativamente ao primeiro modelo.

1.12 Teorias psicológicas sobre as estratégias de aprendizagem

A concepção behaviorista de Skinner sobre as estratégias de aprendizagem baseia-se na ênfase do método e na eficácia da estruturação dos recursos externos como principais promotores da aprendizagem.

Esta ocorre em virtude da forma como os esquemas de reforço são organizados para gerarem resultados, como podemos constatar nas palavras do próprio Skinner (1975):

Basta a aplicação da técnica do condicionamento operante, que é muito simples e directa. O ensino é um arranjo de contingências sob as quais os alunos aprendem. Aprendem sem serem ensinados no seu ambiente natural, mas os professores arranjam contingências especiais que aceleram a aprendizagem, facilitando o aparecimento do comportamento que, de outro modo, seria adquirido vagarosamente, ou assegurando o aparecimento do comportamento que poderia de outro modo não ocorrer nunca (p. 62).

Para Luna (2002), na análise do comportamento, o ensino é uma acção planeada, a qual depende do professor que o organiza, avalia e especifica a actividade do aluno, as circunstâncias em que o aprendizado pode ocorrer, e as suas consequências:

É o comportamento do aluno que deve ser analisado para que se verifiquem as suas necessidades em termos de aprendizagem, o repertório que ele traz para a situação de ensino e as consequências capazes de interagir com ele e mantê-lo bem-comportado.

Desse ponto de vista, uma aula expositiva – pelo menos para os alunos iniciantes, é a antítese da proposta de Skinner (p. 165).

Nesta perspectiva, Skinner elaborou a ideia de um ensino programado, ou seja, de uma programação dos objectivos e dos conteúdos da educação, expressa em algumas características específicas, como:

Estudo por meio de unidades de ensino ou disciplina, avançando por etapas.

Organização de sequências de ensino de acordo com as dificuldades surgidas.

1. 12. Estratégias psicológicas para a superação das dificuldades de aprendizagem

1.12.1. Abordagem Behaviorista

Segundo Nunes (2004), para o behaviorismo: instruir significa instalar, alternar e eliminar comportamentos. Planear a instrução implica estabelecer sob quais condições os comportamentos são ou não adequados/correctos para se produzir alterações ambientais capazes de manter uma intenção permanente (manutenção do que foi aprendido).

As teorias comportamentais, com destaque para os trabalhos de Skinner, tiveram forte influência sobre a educação, principalmente pela sua predominância na psicologia norte-americana. Muitos destes conceitos foram transpostos directamente ao processo de ensino e aprendizagem nas escolas.

A formação dos professores também sofreu forte influência desta corrente, derivando a orientação conceitual tecnológica, descrita por Garcia (1998), como uma visão que norteou os cursos de formação do magistério nos níveis médio e superior, destacando a preparação metodológica do professor.

1.12.2. Condicionamento operante de Skinner

Para Skinner, o ambiente refere-se aos eventos físicos, sociais e culturais capazes de se repercutir no organismo, envolvendo comportamentos abertos e encobertos, como sonhos, ideias, pensamentos e linguagem não-verbal.

O conceito central do condicionamento operante é o reforço, que consiste em qualquer estímulo ou evento que aumente a probabilidade de ocorrência de um comportamento. Por exemplo, quando o aluno cumpre as actividades solicitadas (comportamento operante), esta acção traz como consequência um elogio da professora, que pode ser considerado um reforço.

Progressivamente, o comportamento do aluno será condicionado a executar as actividades da escola em função dos elogios recebidos.

Skinner definiu dois tipos de reforço: positivo e negativo.

a) Reforço positivo: após a acção do indivíduo, um estímulo é apresentado (elogio) e esta apresentação aumenta a frequência do comportamento (realização das actividades escolares).

b) Reforço negativo: também haverá um aumento na frequência do comportamento, contudo, será pela retirada de um estímulo aversivo (ruim).

Por exemplo: um professor de ciências deseja que os seus alunos se interessem e aprendam nas suas aulas (comportamento a ser condicionado). Contudo, ele percebe que, cada vez que utiliza o material didáctico preparado para as aulas, os alunos consideram-no enfadonho e de difícil compreensão (estímulo aversivo), tornando-se desinteressados e apresentando baixo rendimento.

Diferentes esquemas de reforços de aprendizagem

a) Contínuo

O comportamento do sujeito é reforçado toda a vez que é emitido. Por exemplo, sempre que o aluno presta atenção às explicações do professor, ele recebe um elogio.

b) Em intervalo

No reforço em intervalo variável, o professor não tem um dia certo para fazer uma avaliação dos conteúdos e premiar os que obtiverem melhores notas. Assim, os alunos serão condicionados a estudar mais, posto que serão surpreendidos pela avaliação.

c) Em razão

O reforço em razão pode ser fixo e variável, sendo que o reforço depende do número de vezes em que o comportamento ocorre. Na razão fixa, por exemplo, o professor pode estipular que, a cada três tarefas de casa entregues pontualmente, o aluno receberá uma laranja.

Este tipo de reforço também é muito usado na indústria, ao determinar-se que o trabalhador poderá ganhar um percentual a mais por cada x artigos produzidos. No caso da razão variável, esse número de ocorrências de comportamento para que seja reforçado vai ocorrer sem ser pré-determinado, isto é, será irregular.

d) Intermitente

Este é um reforço esporádico, sem tempo determinado ou intervalos mais regulares. Acontece, por exemplo, com professores e pais que no dia -a- dia reforçam os comportamentos dos alunos e filhos, sem prestarem atenção ou controlarem o tempo em que actuam desta maneira.

Isto pode referir-se aos elogios diversos, prémios, gestos de carinho, acções violentas, etc., emitidos quando as crianças e os adolescentes se comportam de determinada maneira.

Vale ressaltar que nem sempre são condicionados apenas os comportamentos desejáveis. Por exemplo, se uma criança sempre que chora consegue o que deseja, ela estará condicionada a agir continuamente deste modo, a fim de alcançar os seus objetivos nas mais diferentes situações nas quais se encontrar.

1.12.3. Estratégias humanistas

O termo Humanismo, no seu sentido histórico, refere-se a um movimento de cisão com os valores medievais evidenciados no período do Renascimento.

A ênfase passou a residir progressivamente no reconhecimento do ser humano como elemento central no mundo; o indivíduo foi posto num lugar de possibilidades de escolhas, de actuação e transformação da realidade.

Neste sentido, o aluno é o centro das atenções, e não são as notas que determinam quem passa e quem fica, como se vê ainda hoje. É preciso, de acordo com Faustino (2022), que o professor saiba colocar-se no lugar do aluno, imaginando todas as dificuldades que uma criança pode passar, pelo que se apela à empatia no processo de ensino-aprendizagem, para que o aluno se abra ao professor.

O renascimento do humanismo substitui assim a teocêntrica e um novo modo de pensar emerge para explicar novos caminhos para os problemas do insucesso escolar.

O Humanismo, também denominado de terceira força em psicologia, surgiu na segunda metade do século XX nos EUA. Teve como intuito resgatar o estudo da subjectividade. Portanto, pôs em questão investigações que priorizavam métodos objectivistas e quantificadores no estudo da compreensão dos processos psicológicos, e que posicionavam o ser humano no lugar de objecto, e não de sujeito.

Carl Ranson Rogers (1902- 1987) e Abrahan Maslow (1908 - 1970) realizaram trabalhos no campo da psicoterapia individual e com grupos. Actuaram na área docente e escreveram variados artigos e livros. As suas abordagens teóricas estenderam-se para diferentes áreas profissionais, entre elas a educacional, a organizacional e a comunitária, com ênfase no campo das relações interpessoais.

Rogers traz uma concepção de ser humano como dotado de uma capacidade de crescimento constante, de actualização permanente das suas potencialidades. O sujeito é passível de constantes mudanças nos seus processos subjectivos. Em cada fase da vida pode conseguir certo nível de realização pessoal, estruturando-se de maneira mais plena, mais integrada.

Deste modo, afirma que em todos os seres humanos e em todos os organismos há uma tendência em direcção à realização construtiva, a um desenvolvimento cada vez mais complexo.

Os organismos estão sempre em busca de algo, sempre iniciando algo, sempre prontos para alguma coisa. Há uma fonte central de energia no organismo humano [...] é como uma tendência à plenitude, à auto-realização, que abrange não só a manutenção, mas também o crescimento do organismo (Rogers, 1983, p. 44 apud Nunes, 2015).

Para o autor, o tipo de relação que se estabelece entre as pessoas desde o início da vida é factor crucial de estruturação psicológica e de constituição do *self*, ou seja, de si mesmo. Contudo, salienta que o indivíduo tem um poder de autonomia intrínseca, sendo construtor do seu percurso pessoal. Acredita que o próprio sujeito é responsável por mudanças na sua vida, por existir um mecanismo de auto-regulação no desenvolvimento.

Na sua prática como terapeuta, Med (2005) enfatizou a importância do cultivo de atitudes de empatia, autenticidade e aceitação incondicional como elementos essenciais na relação entre o professor e o aluno.

A compreensão da empatia é a captação precisa que o professor realiza dos sentimentos e significados que o aluno vivencia como se fossem do próprio professor. À medida que os alunos são aceites, passam a ter maior consideração com o professor, bem como, ao viverem uma relação de empatia, conseguem ouvir de forma mais apurada as suas experiências internas.

Ao passo que Bassedas (1996) refer que, fazendo referência à sua experiência como professor, afirma que a actividade docente só pode ter consequências eficazes promovendo a aprendizagem, se esta tiver influência sobre o comportamento do aluno, o que chama de aprendizado autodescoberto, auto-apropriado.

A atitude do professor para com os alunos é o foco para que a aprendizagem seja facilitada. Os recursos didácticos, como técnicas, teorias e materiais, constituem importantes instrumentos no contexto de aprendizagem. Todavia, nesta perspectiva teórica, devem ser postos à disposição do aluno, e nunca impostos.

O professor tem a função de facilitador e deverá contar com o desejo de participação do aluno. Ele não exigirá a participação do grupo, que poderá aceitar ou recusar a sua intervenção. O docente deve colocar recursos à disposição da turma, em interacção grupal, num clima de liberdade, ficando atento às ideias e aos variados sentimentos dos alunos.

Para Mendonça (2006), referindo-se ao professor, afirma:

Sejam quais forem os recursos de ensino que forneça – um livro, uma sala de trabalho, um novo aparelho, uma oportunidade para observar um processo industrial suas próprias reacções emocionais – ele sentiria que essas coisas são oferecidas para serem usadas se forem úteis ao aluno não pretende que elas sejam guias, expectativas, comandos, imposições de exigências.

Rogers propõe uma educação humanista que tenha como condição prévia a existência de professores (facilitadores, líderes) seguros de si e dos seus relacionamentos, confiantes na auto-aprendizagem e na capacidade dos alunos no que tange ao pensar e ao sentir, professores que incentivem a participação activa do grupo no processo de planeamento das actividades na sala de aulas, oferecendo recursos didácticos e solicitando aos alunos que tragam as suas contribuições, ou seja, desenvolvam programas de aprendizagem em grupo, assumam os seus interesses, as suas escolhas e as consequências destas.

No que tange à avaliação, ele propõe que seja realizada pelo próprio aluno, havendo a participação dos colegas. Todos podem ser enriquecidos por um *feedback* cuidadoso de outros membros do grupo ou do facilitador.

“A aprendizagem centrada na pessoa é concebida como um meio de autocrescimento, de desenvolvimento da autonomia e da capacidade de criação e expressão”, (Nunes, 2002 p. 36).

Acredita-se, com base na tendência auto-realizadora já mencionada nos parágrafos anteriores, que o aluno possui uma potencialidade natural para aprender. À medida que o professor permite ao aluno o contacto com situações/ problemas de vida num clima de autonomia, liberdade e expressão de sentimentos, ele sente-se motivado a aprender a descobrir e a criar.

Estudos recentes mostram que, em vários países, nas últimas décadas, se os pais se envolverem na educação dos filhos, os mesmos obtêm melhor aproveitamento escolar.

De muitas variáveis que se estudaram, o envolvimento dos pais no processo educativo foi a que obteve o maior impacto, estando este impacto presente em todos os grupos sociais e culturais (Marques, 2001, p.33). A comunicação entre professor e os pais do aluno aparece como o primeiro, constituindo a forma mais vulgar de colaboração.

Perrenoud, apud Farrell (2008, p.39), refere que a educação precisa de mudar e que as mudanças podem ser negociadas entre os diferentes agentes educativos, cabendo à escola o papel de as tornar mais visíveis e reais, ficando as famílias mais interessadas, próximas e conscientes da sua importância.

Hoje em dia existe cada vez mais a necessidade de a família estar em perfeita sintonia com a escola. A escola é uma instituição que complementa a família, e juntas tornam-se lugares agradáveis para a convivência de todos.

A educação constitui uma das componentes fundamentais do processo de socialização de qualquer indivíduo, tendo em vista a integração plena no seu ambiente. A escola não deveria viver sem a família nem a família deveria viver sem a escola. Uma depende da outra, na tentativa de alcançar um maior objectivo, qualquer um que seja, porque um futuro melhor para os alunos é, automaticamente, um futuro melhor para toda a sociedade.

De acordo com Med (2008, p.47), “as famílias preocupam-se também cada vez mais com o desabrochar e a felicidade dos seus filhos, esperando que a escola os discipline sem os anular e os instrua sem os privar da sua infância”.

Entretanto, a escola é, com frequência, atentamente vigiada pelos pais que lhe confiam os seus filhos, com uma mistura de confiança e de desconfiança. A escola não deve ser só um lugar de aprendizagem, mas também um campo de acção no qual haverá continuidade da vida afectiva, que deverá existir a 100% em casa.

A necessidade de se construir uma relação entre família e escola deve ser em primeiro lugar para planear, estabelecer compromissos e acordos mínimos, para que o educando/filho tenha uma educação com qualidade, tanto em casa quanto na escola.

Para Estrela (1999), apud Villas-Boas (2001, p.119), a relação família-escola parece encontrar-se actualmente numa encruzilhada: por um lado, a vida urbana e tudo o que esta implica tem levado à crescente demissão das responsabilidades familiares e, conseqüentemente, a escola terá de servir de “abrigo”, tendo, por isso, incumbências educativas que competem à família; por outro lado, e felizmente, cada vez mais existem pais que tentam participar na vida escolar dos filhos.

Desta forma, e nas palavras de Marques (2001), apud Villas-Boas (2001, p.119), parece caber à escola dar o primeiro passo no sentido de preencher a lacuna existente em termos de comunicação “positiva”, não só entre a escola e a família, mas também entre estas e a comunidade.

Portanto, esta comunicação não deverá fazer-se num sentido único, sendo desta forma fundamental que os professores sintam a necessidade de “ouvirem os pais e partilharem com eles algum poder de decisão”.

Para Marques (2001, p. 14), o Estado-educador tem vindo a substituir a família, as restantes comunidades naturais e a sociedade civil no desempenho das funções de apoio ao desenvolvimento integral do educando.

O autor ainda acrescenta que, à medida que a família foi recuando nas suas funções educativas, o Estado foi ocupando o espaço vazio e, nas últimas décadas, essa intervenção estatal transformou-se num perigoso monopólio que urge quebrar,

sob pena de a escola pública de massas se tornar num mecanismo de propaganda ideológica e de controlo político dos cidadãos (Marques, 2001, p. 14).

É muito importante que família e escola se unam na criação de uma “aliança”, com vista a conseguirem ajudar os educandos e, consequentemente, alunos, para que os consigam tornar cidadãos activos e capazes de agir na sociedade dos nossos dias.

CAPÍTULO II: METODOLOGIA DE PESQUISA

2.1. Tipo de pesquisa

2.1. Pesquisa descritiva

“Tem lugar quando o pesquisador está preocupado com uma compreensão absoluta e ampla do fenómeno em estudo. Ele observa, descreve, interpreta e aprecia o meio e o fenómeno tal como se apresentam, sem procurar controla-los” (Vaz-Freixo 2012, p. 173).

Noutro sentido, a pesquisa descritiva por levantamento, pretende angariar informações sobre práticas ou opiniões actuais de um determinado núcleo populacional, por (Tumelero, 2018).

2.2. Modelo de abordagem

Para o presente trabalho, optámos pela abordagem qualitativa.

Para o que se pretende explorar como elemento subjectivo que concorre para as dificuldades de aprendizagem combina melhor, dada a intenção de se valorizar a subjectividade como causa das dificuldades de aprendizagem.

Segundo Martins e Bicudo, apud Quivy e Coupenhoudt (1992), uma das características da metodologia qualitativa é o interesse do pesquisador em compreender o significado atribuído ao fenómeno a ser estudado.

Esta colecta será realizada por intermédio de entrevistas, que é um procedimento no qual o pesquisador, com o interesse de compreender o objecto de estudo ou o entrevistado, utiliza como ferramenta a linguagem.

Em síntese, na pesquisa qualitativa o resultado da pesquisa não depende da quantificação dos resultados como no paradigma quantitativo. Este método permite ao pesquisador interpretar o resultado da pesquisa, ou seja, o resultado da pesquisa depende da capacidade do pesquisador em analisar, interpretar e induzir os resultados.

2.3. Nível de estruturação de método

Segundo (Marconi & Lakatos 2007 p.17), “Metodologia nasce da concepção sobre o que pode ser realizado, e a partir da tomada de decisão fundamenta-se naquilo que se afigura como lógico, racional, eficiente e eficaz”.

Quanto à metodologia de eleição, nos foi útil os métodos:

O método indutivo é o raciocínio que, após considerar um número suficiente de casos particulares, conclui uma verdade geral. A indução, ao contrário da dedução, parte da experiência sensível, dos dados particulares.

Análise sintese foi usado para aprofundar a esência das dificuldades de aprendizagem como factor do insucesso escolar descompondo-o, e integrando-o em suas varias realizações tanto do ponro de vista teorico quanto para a elaboração de referencias resultantes dos instrumentos aplicados.

Análise documental se utilizou para contribuir na recolha dos dados que abrange diversos tipo de documentos, servindo de apoio na utilização das técnicas de apoio no nosso acaso especifico o questionario.

2.2. Técnica de recolha de dados

Para a recolha de dados, utilizaram-se as seguintes técnicas:

1. Ficha de observação naturalista;
2. Guião de entrevista;

Observação naturalista - a observação naturalista ou observação científica é um tipo de observação que é realizado de modo flexível, de forma a tirar partido não só de todos os comportamentos sob observação, mas também de acontecimentos inesperados que eventualmente possam ocorrer.

Alguns exemplos de observação naturalista sobre animais e plantas foram apresentados pelo conhecido Charles Darwin.

Guião de entrevista: Lakato e Marconi (2003) dizem que a entrevista é um procedimento utilizado nas investigações sociais para a colecta de dados, mediante uma conversa com intenção profissional. A sua materialização na pesquisa será assegurada com o uso de um guia de entrevista e um gravador de som, para a melhor interpretação da informação recolhida.

A entrevista é um dos recursos metodológicos utilizados para se obter um diálogo entre os participantes, com o propósito de se analisar e construir interpretações sobre a natureza empírica da questão que está sendo levantada no diálogo. Este diálogo permite que o pesquisador e o pesquisado, ambos activos nessa relação, criem novas produções de sentido, fazendo com que surjam

possibilidades de insight na produção do conhecimento. Madureira & Branco, 2001, apud (Monteiro, 2012).

2.5. Instrumentos, procedimentos de recolha de dados

Guião de entrevista: é um instrumento de colecta de dados constituído por uma série de perguntas ordenadas que podem ser respondidas por escrito pelo inquirido.

Aplicamos esta técnica com o propósito de se fazer a colecta de opiniões dos intervenientes do processo de ensino-aprendizagem, sobretudo, aos professores nas salas de aulas. A recolha de dados foi feita com base no guião de entrevista adaptado, tendo em conta os objectivos preconizados pelo autor.

De acordo com Freixo (2012), o guião de entrevista constitui o meio mais rápido e barato de obtenção de informações, além de não exigir treinamento do pessoal e garantir o anonimato.

O mesmo será dirigido aos alunos da 9ª Classe da escola acima citada, assim como a algum pessoal ligado à administração escolar e, se possível, aos professores, foi utilizado o guião de entrevista a fim de se explorar ao máximo o subjectivo dos entrevistados.

Também será útil um gravador de áudio, a fim de possibilitar os melhores registos de informações, se os entrevistados o permitirem; e uma folha de anotações, a fim de se fazerem os apontamentos dos sinais e sintomas das dificuldades de aprendizagem obtidas pela avaliação naturalista.

2.6. População e Amostra

2.6.1. População

População é uma colecção de unidades individuais, que podem ser pessoas, animais, resultados experimentais, com uma ou mais características comuns que se pretendem analisar (Quivy e Campenhoudt, 1992).

A população será constituída por um universo de 64 elementos, entre os quais membros da direcção, pessoal docente e alunos da 9ª Classe do Complexo Escolar 301 “Manuel Lopes Maria Ximutu”, do município do Dande, Província do Bengo.

2.6.2. Amostra

A amostragem foi do tipo não probabilístico, obedecendo aos critérios de selecção aleatória simples.

Dado o tipo de pesquisa escolhido, “paradigma qualitativa, para amostra foram seleccionados 1 membro da direcção, 1 professor da mesma turma, 1 encarregado de educação e 3 alunos.

A ideia inicial é a de constatação das dificuldades de aprendizagem e certificar se estes provocam na realidade o insucesso escolar aos alunos.

Tabela nº 1 Distribuição de amostra por genero

Genero	Nº	%
Mascolino	2	33,3
Feminino	4	66,7
Total	6	100%

Fonte: elaboração própria

Tabela nº 2 Distribuição de amostra por idade

Idade	N	%
15-18	3	50
19-30	1	16,6
Mais de 31	2	33,3
Total	6	100%

Fonte: elaboração própria

Tabela nº 3 Distribuição de amostra por papel social

Papel Social	N	%
Professor	1	16,6
Alunos	3	50
Encarregado	1	16,6
Director	1	16,6
Total	6	100%

Fonte: elaboração própria

2.6.3. Dificuldades encontradas

Para o tratamento de dados e processamento da informação, tivemos inúmeras dificuldades, como qualquer um que no fim da formação passou por este processo de feitura de monografia. As dificuldades foram:

- a) A nível documental referente aos Diplomas legais do Ministério da Educação que abordam sobre as dificuldades de aprendizagem ;
- b) A nível financeiro e de transporte;
- c) A nível de materiais de impressão;
- d) Saúde;

2.6.4. Resultados esperados

No presente trabalho, pretendemos responder à questão inicial de partida, que é: “Quais são as dificuldades de aprendizagem que se constituem como factores de insucesso escolar dos alunos da 9ª Classe do Complexo Escolar 301 Manuel Lopes Maria Ximutu, no município do Dande, província do Bengo, 2022/2023?”. Esperamos conhecer as dificuldades de aprendizagem como factores de insucesso escolar dos alunos da 9ª Classe, que serão obtidos através dos guiões de entrevista que serão emitidos e distribuídos.

2.7. CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA

Geograficamente e economicamente- o Bengo está situado a norte de Luanda, cerca de 59 km de distância. A população do Dande é maioritariamente camponesa e comerciante.

Missão- a missão de uma instituição é uma declaração concisa que descreva o propósito fundamental da organização. Dessa forma, todas as instituições são abertas com o objectivo de resolverem algum problema na sociedade ou no mercado.

Esse objectivo é justamente a missão, que normalmente é definida como a razão de ser da instituição. A grande vantagem de definir a missão é que ela pode ser comunicada de forma clara a todos os colaboradores. Assim, fica mais fácil que todos tomem decisões com base nos mesmos critérios.

Valor- determina os princípios que norteiam a organização. Essas declarações ajudam a instituição a manter o foco nos seus objectivos e a tomar decisões alinhadas à sua direcção estratégica. Os valores podem incluir a ética, a integridade, a inovação, a responsabilidade social, o trabalho em equipa, entre outros.

Visão- é uma declaração de longo prazo que descreve o que a instituição aspira alcançar no futuro. Ela fornece uma imagem clara e aspiradora do destino desejado pela organização. É uma representação do estado ideal que a instituição deseja atingir e serve como um guia para definir metas e direccionar principalmente os planeamentos estratégicos.

CAPÍTULO III: RESULTADOS E DISCUSSÃO

Análise de conteúdo dos resultados da entrevista

Categoria 1: Conteúdo dos resultados do Director

S1) Respostas da entrevista do 1º entrevistado

Verbalização

1. Em sua opinião, existem problemas relacionados com as dificuldades de aprendizagem nos alunos do Complexo Escolar Manuel Lopes Maria Ximutu? Se sim, quais são os mais visíveis?

- R="Sim. Na verdade, existem sim alguns problemas de aprendizagem nos alunos do Complexo Escolar Manuel Lopes Maria Ximutu". Tais dificuldades têm muito que ver com a falta de motivação, principalmente no fim das aulas.

2. Quais são os factores que contribuem para as dificuldades de aprendizagem?

- R= "Os factores que contribuem para as dificuldades de aprendizagem são mais os factores socioeconómicos para todos os intervenientes".

3. Em sua opinião, achas que estas dificuldades de aprendizagem contribuem para o insucesso escolar? De que forma?

- R ="As dificuldades de aprendizagem contribuem sim para o insucesso escolar dos alunos. Se o aluno estiver desmotivado, sem ânimo, isto vai permitir-lhe faltar à escola e, como consequência, perde a matéria.

4. Tem-se feito alguma coisa a fim de se diminuïrem as dificuldades de aprendizagem? Se sim, quais são essas medidas?

- R= Tem-se feito alguma coisa a fim de se diminuir as dificuldades de aprendizagem? Se sim, quais são essas medidas?

5. Existe uma área específica que vela pela problemática das dificuldades de aprendizagem?

- R ="Não. Mas quando identificamos esses problemas, procuramos formas de convocar o encarregado de educação, a fim de juntos trabalharmos".

6. Tem havido intervenção de um psicólogo para o combate das DA?

- R ="Sim, mas não é permanente. Temos pedido intervenção de psicólogos que não fazem parte do nosso pessoal efectivo, como forma de parceria".

7. Acredita que o insucesso escolar dos alunos está relacionado com as dificuldades de aprendizagem? Se sim, diga porquê?

- R = “Sim. Com profissionais de psicologia os problemas têm sido banidos”.

8. Quais são os sinais de insucesso escolar causados pelas dificuldades de aprendizagem?

- R =
 - a) Desistências;
 - b) Reprovação;
 - c) Pouca assimilação.

Categoria 2: Conteúdo da narrativa do professor

S2) Respostas da entrevista do 2º entrevistado

Verbalização

1. Em sua opinião, existem problemas relacionados com as dificuldades de aprendizagem nos alunos do Complexo Escolar Manuel Lopes Maria Ximutu? Se sim, quais são os mais visíveis?

- R = “Sim. Existem mesmo muitos problemas de dificuldades de aprendizagem na minha sala. Muitas vezes eu noto que estou a dar o meu melhor, mas há alunos que mesmo assim não assimilam bem. Alguns é mesmo problemas mentais, já nasceram assim”.

2. Quais são os factores que contribuem para as dificuldades de aprendizagem?

- R = “Se existem esses factores, eu digo que primeiro são os factores pessoais, como os problemas da família do aluno (doenças, falta de interesse) e os problemas económicos, que está mesmo difícil quase para todos os alunos”.

3. Em sua opinião, achas que essas dificuldades de aprendizagem contribuem para o insucesso escolar? De que forma?

- R = “Sim. As dificuldades de aprendizagem prejudicam o insucesso escolar dos alunos.

4. Tem-se feito alguma coisa a fim de se diminuírem as dificuldades de aprendizagem? Se sim, quais são essas medidas?

R = “Sim, a Direcção da escola tem feito alguma coisa. Nós professores notificamos a Direcção e eles também fazem alguma coisa, que é chamar os pais e depois resolvemos o que dá para resolver”.

5. Existe uma área específica que vela pela problemática das dificuldades de aprendizagem?

- 5 R = “(Risos) Também não posso dizer que não existe. Quase que temos acudido esses problemas, mas ...enfim, é muito complicado.

6. Tem havido intervenção de um psicólogo para o combate das DA?

- R = “Não. Somos nós mesmos praticamente que resolvemos. Não sei se a direcção conhece um psicólogo para esta área escolar”.

7. Acredita que o insucesso escolar dos alunos está relacionado com as dificuldades de aprendizagem? Se sim, diga porquê?

- R = “Sim, está mesmo. É visível, Dr. Aqui algumas crianças fazem confusão por razão de fome, bullying e outras coisas mais que se resolvem com um psicólogo”.

8. Quais são os sinais de insucesso escolar causados pelas dificuldades de aprendizagem?

- R = a) Pouca assimilação; b) Reprovação.
- Categoria 3: Conteúdo dos resultados do encarregado de educação.

Categoria 3: Conteúdo da narrativa do encarregado da educação

S3) Respostas da entrevista do 3º entrevistado

Verbalização

1. Como descreve o nível de aprendizagem do seu filho?

- R = “O nível de aprendizagem do meu filho é regular. A escola precisa de envidar esforços que ajudam as crianças”.

2. Em sua opinião, o que provoca esta pouca aprendizagem?

- R = “O que provoca isso é mesmo a pouca capacidade de quem devia prestar atenção à escola toda e não só às crianças. Os professores não sei se têm foco no que fazem, só eles é que devem apertar as crianças, e qualquer coisa liguem para nós e nós vamos atender”.

3. Em sua opinião, achas que essas dificuldades de aprendizagem contribuem para o insucesso escolar? De que forma?

- R = “Se as crianças têm problema, é claro que não vão passar. Se passarem, será com muitas dificuldades”.

4. Achas que a escola tem feito alguma coisa a fim de se diminuírem as dificuldades de aprendizagem? Se sim, quais são essas medidas?

- R = “Prefiro não responder, porque se fazem ainda é pouco”.

5. Existe uma área específica que vela pela problemática das dificuldades de aprendizagem?

- R = “Não”.

6. Tem havido a intervenção de um psicólogo para o combate das DA?

- R = “Não”.

7. Acredita que o insucesso escolar dos alunos está relacionado com as dificuldades de aprendizagem? Se sim, diga porquê?

- R = “Sim, está. São muitos problemas que, se calhar, não são só dificuldades de aprendizagem”.

8. Que conselhos dá à direcção a fim de se melhorarem esses problemas relacionados com as dificuldades de aprendizagem?

- R =
 - a) Dialogue mais com os encarregados;
 - b) Aceite correcções;
 - c) Tenha um psicólogo;
 - d) Capacite os professores, para serem mais abertos, ao lidarem com os alunos.

Categoria 5: Conteúdo da narrativa do aluno

S5) Respostas da entrevista do 5º entrevistado

Verbalização

1. Como descreve o seu nível de aprendizagem?

- R = “O nível de aprendizagem é mais ou menos, professor. Esta escola precisa de envidar mais esforços, porque é mesmo complicado o que vemos”.

2. Em sua opinião, o que motiva a baixa aprendizagem?

- R = “Eu acho que assim como nós temos problemas, os professores também, se calhar pior. Acho que o Estado tem que ajudar mesmo os professores porque também há problemas que nos afectam”.

3. Em sua opinião, achas que essas dificuldades de aprendizagem contribuem para o insucesso escolar? De que forma?

- R = “Sim. Se passarem com muitas dificuldades, é claro que nos vai prejudicar mesmo, não tem como profe”.

4. Achas que a escola tem feito alguma coisa a fim de se diminuïrem as dificuldades de aprendizagem? Se sim, quais são essas medidas?

- R = “Professor, é complicado, acho que sim; mas não é bem visível, só eles é que sabem. Tudo parece que está a piorar, Dr.”

5. Existe uma área específica que vela pela problemática das dificuldades de aprendizagem?

- R = “Não. Mas se tiver problemas, aparecem alguns professores para saberem o que se passa”.

6. Tem havido intervenção de um psicólogo para o combate das DA?

- R = “Não”.

7. Acredita que o insucesso escolar dos alunos está relacionado com as dificuldades de aprendizagem? Se sim, diga porquê?

- R = “Sim, está. São muitos problemas que, se calhar, não são só dificuldades de aprendizagem”.

8. Que conselho dá à direcção a fim de se melhorarem esses problemas relacionados com as dificuldades de aprendizagem?

- R =
 - e) Dialogue mais com os encarregados;
 - f) Aceite correcções;
 - g) Tenha um psicólogo
 - h) Capacite os professores para serem mais abertos, ao lidarem com os alunos

3.1. Estratégia de interpretação das categorias

Finda a entrevista, e posteriormente a sua transcrição, fizemos a análise das categorias questionadas nos questionários por inquérito, tais resultados confrontam a ambiguidade das questões entre os entrevistados, assim como o confronto de alguns autores, e no fim de tudo a nossa opinião como pesquisadores.

Outrossim, dizer com o tom de humildade académica que, durante a pesquisa, encontrámos várias dificuldades. Primeiro, porque as instituições de ensino têm uma relação estreita com aparelho do Estado, e face ao regime político em que vivemos, assim como a democracia que caminha nos seus primeiros passos, todos desconfiam um do outro. Tivemos um sentimento de que houve pouca abertura, parece que houve um receio por parte da Direcção escolar de que a pesquisa beliscaria o bom nome da instituição. Por outra, a pesquisa foi feita no final do ano lectivo 2022-2023, tal situação levou-nos à escolha do paradigma qualitativo, que não exige um maior número na amostra.

Em síntese, e de acordo com a entrevista realizada com a direcção, professor e encarregado de educação, tivemos a seguinte discussão:

Interpretação da primeira questão

Quanto à primeira questão, procurou-se saber se existem problemas relacionados com as dificuldades de aprendizagem nos alunos do Complexo Escolar Manuel Lopes Maria Ximutu. Se sim, quais são os mais visíveis.

Todos os entrevistados foram unânimes em responder que existem sim dificuldades de aprendizagem na escola, e que os mais visíveis estão relacionados com os factores socioeconómicos, assim como com os factores pessoais.

O nosso parecer é o de que, havendo dificuldades de aprendizagem, é na verdade a manifestação de um problema psicopedagógico, que não se deve olhar com desdém, pelo que a intervenção de um psicólogo escolar é de facto indispensável, a fim de mediar os conflitos e unir a escola e a família para o bem dos alunos.

É verdade que o final do ano lectivo caracteriza-se por um período em que há maior índice de desistência e insucesso, isto porque os alunos se encontram exaustos com toda a actividade lectiva. Porém, é preciso lembrar que no momento em que os alunos estão esgotados é o momento mais sério para o professor perceber quem passa de classe ou quem fica.

Neste sentido, a escola deve apegar-se à abordagem que enfatiza a necessidade de haver um psicólogo escolar.

Interpretação da segunda questão

Quanto à segunda questão, procurou-se saber os factores que contribuem para as dificuldades de aprendizagem, e não tardaram as respostas.

“Os factores que contribuem são os factores socioeconómicos, para todos intervenientes”.

Factores pessoais como os problemas da família do aluno (doenças, falta de interesse) e os problemas económicos.

Há uma certa ligação quanto às respostas dos entrevistados. Na verdade, os factores socioeconómicos contribuem para os problemas de aprendizagem; e quando há esta debilidade, os alunos falham na sua aprendizagem, porque sem dinheiro não se alimentam em condições, faltam à escola por falta de dinheiro para o transporte, e não só. Outros problemas pessoais são graves, de igual modo. Só é possível perceber o quanto é difícil estudar e ter problemas pessoais, sem empatia nunca iremos perceber.

Esses problemas descritos prejudicam a aprendizagem. Tal como afirma Lopes (2008), na sua obra refere que as causas das dificuldades de aprendizagem constituem um grupo de problemas heterogéneos, pelo que se torna difícil a delimitação da área a que fazem referência.

Interpretação da terceira questão

A terceira questão procurou compreender se a escola tem feito alguma coisa a fim de se diminuírem as dificuldades de aprendizagem, e se sim, quais são estas medidas.

Na verdade, as respostas apontam que alguma coisa tem sido feita a fim de se mitigarem as dificuldades de aprendizagem, embora 1 entrevistado (o encarregado de educação) ter negado esta possibilidade.

Acreditamos que a direcção da escola tem sim feito alguma coisa no sentido de tentar mitigar a problemática das dificuldades de aprendizagem. Porém, como disse o encarregado de educação, “se fazem, fazem pouco”.

É preciso neste instante continuar a trabalhar, de forma que essas medidas estejam mais visíveis para os encarregados de educação.

Interpretação da quarta questão

Quanto à quarta questão, dizer que o entrevistado foi bem claro. Respondeu: “Sim, as dificuldades de aprendizagem dificultam a aprendizagem.

Tais dificuldades foram apontadas como sendo aquelas que são provocadas pelas condições socioeconómicas e do meio.

Como se sabe, o nosso país Angola acaba de sair do cenário de conflito de guerra como um Estado democrático muito atípico. O que quer dizer que esse cenário descrito acima influencia negativamente no modo de se fazer ciência, onde toda a sociedade acaba sendo prejudicada, incluindo as crianças que se encontram no sistema escolar.

Outro aspecto a ter-se em conta é o sentido de humildade e aceitação por parte de todos os entrevistados ao reconhecerem que o problema está lá na escola, faltando apenas fazer uma coisa que colmate esses problemas.

Interpretação da quinta questão

Na quinta questão procurou-se saber se na verdade existe uma área específica que vela pela problemática das dificuldades de aprendizagem.

Pela nossa surpresa, a resposta de todos os entrevistados foi “Não”.

A escola não tem uma área especial para fazer acompanhamento de um caso neste âmbito.

O nosso parecer é o de que é preocupante saber que não se tem esses profissionais nas escolas. As escolas devem procurar pessoas formadas em psicologia, a fim de juntas partilharem o espaço escolar.

Interpretação da sexta questão

Quanto à sexta questão, questionou-se se tem havido intervenção de um psicólogo para o combate das DA. E não tardou a resposta: “Não.

A escola não possui nem psicólogo nem um gabinete de psicologia. A resolução de um problema sem um profissional muitas vezes torna grave a situação. Neste sentido, é necessário que a escola crie uma relação muito forte entre a escola e a família, de forma a encontrarem-se caminhos mais claros para a resolução de conflitos interpessoais e das dificuldades de aprendizagem.

Interpretação da sétima questão

Quanto à sétima questão, procurou-se saber se o insucesso escolar dos alunos está relacionado com as dificuldades de aprendizagem, e que se sim, que digam porquê.

A resposta de três entrevistados foi de concordância “Sim.

Assim, compreendemos que não há margem de dúvidas em afirmarmos que as dificuldades de aprendizagem concorrem para o insucesso escolar dos alunos.

Se quisermos combater o insucesso escolar, é importante cuidar dos nossos alunos, para que não haja a manifestação das dificuldades de aprendizagem.

Interpretação da oitava questão

Quanto à oitava questão, soubemos dos entrevistados o que sabem sobre os sinais de insucesso escolar. Para esta questão, a resposta foi apontada para a pouca assimilação, assim como para as reprovações.

A nossa interpretação é a de que os sinais não são senão os que se aproximam das consequências das dificuldades de aprendizagem, e tais sinais servem como pequenas alertas para se diagnosticar, e assim tratar.

Interpretação da nona questão

Na nona questão procurámos saber que caminhos se podem achar a fim de mitigarmos tais problemas de dificuldades de aprendizagem.

As respostas foram apontadas para o diálogo, contratação de um psicólogo e capacitação de professores.

O diálogo é, na verdade, o melhor caminho para trazer uma relação saudável entre os agentes da educação, uma aproximação escola e família motiva os alunos a não se sentirem sozinhos.

Outrossim, é a questão da contratação de psicólogo. A presença de um

Psicólogo na escola é indispensável para o aproveitamento académico. São eles os psicólogos que vigiam a escola, espreitando os problemas de bullying, roubo, brigas, conflitos, transtornos de conduta, hiperactividade e outros problemas como o das dificuldades de aprendizagem.

CONCLUSÕES

Falar das dificuldades de aprendizagem como factores de insucesso escolar é falar de um tema bastante polémico, por ser um fenómeno que ocorre em muitas escolas e a todos os níveis, principalmente em países em subdesenvolvido.

Finda a pesquisa, chegou-se à seguinte conclusão:

É possível responder à pergunta de partida, que questiona que dificuldades de aprendizagem contribuem no insucesso escolar dos alunos da 9ª Classe. Na verdade, as dificuldades mais sentidas estão relacionadas com os factores socio-económicos, factores pessoais e, por fim, aquelas provocadas pelo meio ou ambientais.

Quanto aos objectivos preconizados, dizer que os mesmos foram alcançados, foi possível compreender os factores determinantes das dificuldades de aprendizagem tidas como causas do insucesso escolar dos alunos da 9ª Classe do Complexo escolar Manuel Lopes Maria Ximutu, no Município do Dande, província do Bengo, 2022/2023”;

Foi de igual modo possível descrever as teorias psicológicas sobre as dificuldades de aprendizagem como factores do insucesso escolar, identificou-se que os factores socioeconómicos estão na base das dificuldades de aprendizagem como causas do insucesso escolar.

Está de igual modo confirmado que as dificuldades de aprendizagem contribuem para o insucesso escolar.

Quanto a essas dificuldades de aprendizagem, a escola tem feito alguma coisa, porém, a direcção da escola reconhece que é muito pouco o que se tem feito, pelo que é necessário a intervenção do Estado, para que tenha um gabinete de um psicólogo escolar.

Observou-se também que as dificuldades de aprendizagem são sim factores de insucesso escolar, e as consequências mais apontadas vão para a pouca assimilação, desistências e, finalmente, as reprovações.

SUGESTÕES

Findo o trabalho de pesquisa, achou-se ser importante que se traçassem algumas sugestões voltadas ao combate das dificuldades de aprendizagem.

As sugestões aqui levantadas vão permitir que as crianças consigam terminar o ano sem necessidade de desistências e, de forma geral, reduzir o insucesso escolar.

Assim, sendo se considera necessario propor as seguintes sugestões:

- Combater a pobreza e que se apoie a escola com os programas de distribuição de livros gratuitos e de merenda escolar.
- Apoie a direcção da escola ou se contrate no mercado de trabalho um psicólogo, a fim de, juntamente com a escola, prestarem serviços, para contribuir no melhoramento do processo de aprendizagem.
- Construa um gabinete de psicologia na instituição escolar , onde juntamente com as universidades se possa ter estudantes de psicologia, a fim de fazerem o seu estágio curricular.
- Implementasse um manual de apoio psicológico para a direcção da escola, a fim de se reverem os aspectos importantes para guia de todos interessados nesta pesquisa
- Abrir espaço para palestras voltadas aos temas do insucesso escolar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alves, M. (2007). *Como Escrever Tese e Monografia: Um Roteiro Passo a Passo*, Ed. Campus., São Paulo.
- Angola.(2010) *Constituição da República de Angola*.
- ABD (2012) *A nova Definição de Dislexia*. Artigo disponível:
<http://www.dislexia.org.br/2012/06/13/a-nova-definicao-de-dislexia/> Acesso: 16 /09/2013
- Bassedas, E., et al. (1996). *Intervenção educativa e diagnóstico-psicopedagógica*. Porto Alegre: Artmed.
- Bee, H. (2000) *A criança em desenvolvimento*. Porto Alegre: Artmed,
- Bossa, N.A. (2000) *Dificuldades de Aprendizagem: O que são? E como tratá-las? 2*. Ed. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000. BRASIL, Associação Davis, Ronald
- Camacho, A. & Tavares, A. (2015) *Dicionário de Língua Portuguesa: O Nosso dicionário* . Lda.
- Catherine, V. (1970) *A condição de estudante*. Coimbra : Almedina.
- Davis, L. e Braun, E. M.(2004) *O dom da dislexia: por que algumas das pessoas mais brilhantes não conseguem ler e como podem aprender*, trad. Ana Lima. Rio de Janeiro: Rocco.
- Doron, P. e Parot. L. (2011) *Dicionário de Psicologia*. Porto editora.
- Faustino, A. F (2022) *Força interior que caracteriza o Cadete da Recruta a oficial das FAA e PN*, Página Editora.
- Farrell, M. (2008) *Guia do professor- Dislexia e Outras Dificuldades de Aprendizagem Específicas*. Estratégias educacionais em necessidades especiais. Porto Alegre: Artmed.
- Fonseca, V. da (1999). *Uma introdução às Dificuldades de Aprendizagem*. Lisboa: Editorial Notícias.
- Freitas, M.-C. (2002). *No regresso das aulas: O lugar dos pais na aprendizagem escolar*. Lisboa: Grande Público.
- Freixo, V. 2012. *Metodologia de investigação científica*. Universidade Jean Piaget.
- Pierre, G. (1965) *Os estudantes*. Lisboa
- Lopes, J. A (2004) *Por uma intervenção nas dificuldades de aprendizagem na*

- leitura e na escrita. In Actas do 2º . Encontro Nacional de Investigadores em Leitura e Literatura. Branga: IEC. UM*
- Lopes, J. A (2008) *Intervenção pedagógica em crianças com dificuldades de leitura e na escrita. In Actas do 2º. Encontro Nacional de Investigadores em Leitura e Literatura. Branga: IEC. UM*
- Garcia, J. N. (1998) *Manual de dificuldades de aprendizagem: linguagem, leitura, escrita e matemática. Porto Alegre: Artmed.*
- Lanhez, M. E. e Nilo, R. (2002) *Maria Ângela. Nem sempre é o que parece: como enfrentar a dislexia e os fracassos escolares. São Paulo: Alegro.*
- Marconi e Lakatos (2007) *Metodologia de Investigação Científica*
- Marques, J. (2001). *Análise social da educação. Leiria: Roble Edições. MED (2013). Relatório de balanço do trabalho realizado pelo grupo de prognóstico do Ministério da Educação da República Popular de Angola do mês de Março ao mês de Junho de 1986. Editora das Letras.*
- Med, C. L. (2005). *Objectivos de desenvolvimento do milénio. Relatório de progresso, Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento.*
- Mendonça, A. (2006). *A Problemática do insucesso escolar: a escolaridade obrigatória no Arquipélago da Madeira em finais do século XX (1994-2000). Tese de Doutoramento, Universidade da Madeira (policopiado).*
- Nunes, A. I. B. L. (2004) *Resenha. Jornal do Uniescola, Fortaleza, nov. Sessão de Cinema.*
- Nunes, A. I. B. L. e Rosemary, N. S. (2015) *Psicologia da aprendizagem. 3ª Edição Revisada, Fortaleza - Ceará*
- Perez, S. (2004). *O diagnóstico da dislexia e sua relevância no atendimento psicopedagógico infantil, 2001. Artigo disponível em: <http://www.dislexia.org.br/category/s9-artigos/c65-artigos/>. Acesso: 10 de Setembro de 2013.*
- Quivy, R. & Campenhoudt, L. (1992). *Manual de investigação em ciências sociais. Lisboa: Edições Gradiva.*
- Smith, C. ES. (2001) *Lisa. Dificuldades de aprendizagem de A a Z : Um guia completo para pais e educadores. Porto Alegre: Ed. Artmed.*
- Skinner, B. F. (1995) *Tecnologia de ensino. São Paulo: E.P.U, 1975.*
- Topczewski, A. (2000) . *Aprendizagem e suas desabilidades, como lidar? São Paulo: asa do psc.*

- Enguita, B. (1989) *Psicopedagogia e a realidade escolar: o problema escolar e de aprendizagem*. Petrópolis, RJ, Vozes.
- Vilas-Boas, A, B. (2001). *A relação escola-família e o seu impacto no processo de ensino e aprendizagem: Um estudo de caso no Ensino Primário em Mocâmedes* (Angola).
- Vigotsky L.S. (1987) *História do desenvolvimento das funções psíquicas superiores*. Havana: Editorial científica técnica.
- Wallon, H. (1989) *As origens do pensamento na criança*. São Paulo: Editora Manole LTDA.
- Weiss, M. L. L. (1997) *Psicopedagogia clínica: uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar*. Rio de Janeiro: DP&A,
- Wong, J. L. (1979) *Motivação do aluno*. 3ª. ed. Petrópolis: Vozes.

Internet.

www.Wikipédia, aluno, baixado, dia 4.5.2024

APÊNDICES

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE

Prezada participante!

Estou a realizar uma pesquisa com a finalidade de estudar as “Dificuldades de aprendizagem como factores de insucesso dos alunos da 9ª Classe. Estudo de caso: Complexo Escolar 301 Manuel Lopes Maria Ximutu, no município do Dande, província do Bengo, 2022/2023”. Cada representante participará da pesquisa de campo através da aplicação de questionários relacionados com o objecto de estudo, com o foco temático, para que possa expressar a sua opinião diante das categorias estudadas.

Eu, tutorando _____, responsabilizo-me quanto à realização desta pesquisa, orientada pela professora do ISA.

Gostaria de contar com a sua participação neste trabalho. Agradeço, desde já, a sua colaboração.

Termo de consentimento da participante

Declaro que fui informado (a):

- 1- Dos objectivos e procedimentos desta pesquisa, de forma clara e detalhada.
- 2- Da segurança de que nenhuma pessoa será identificada, e que se manterá o carácter confidencial e anónimo das informações desta pesquisa, que estarão sob sigilo ético, não sendo mencionados os nomes dos participantes em nenhuma apresentação oral ou trabalho escrito que venha a ser publicado.
- 3- De que as informações reunidas serão usadas unicamente para fins da pesquisa e dos trabalhos científicos que dela se desdobrarão.
- 4- Da garantia de receber respostas a qualquer momento sobre os procedimentos e outros relacionados com a pesquisa, caso os solicite.

Assinatura da participante

GUIÃO DE ENTREVISTA PARA DIRECTORES

Na sequência de um estudo para a Defesa de Fim de Curso em Psicologia, com o tema: “Dificuldades de aprendizagem como factores de insucesso dos alunos da 9ª Classe. Estudo de caso: Complexo Escolar 301 Manuel Lopes Maria Ximutu, no município do Dande, província do Bengo, 2022/2023”, gostaria que ajudasse a responder às questões abaixo.

1. Identificação

1. Idade

14 a 15 anos	
15 a 16 anos	
17 a 18 anos	
19 a 20anos	
20 21 anos	

2. Sexo

Masculino	
Feminino	

3. Habilitações Literárias

Ensino Primário	
1.º Ciclo (6.ºano)	
2.º Ciclo (9.ºano)	
Bacharel	
Licenciatura	
Mestrado/Doutoramento	

4. Profissão

R:

1. Em sua opinião, existem problemas de aprendizagem nos alunos do complexo escolar Manuel Lopes Maria Ximutu? Se sim, quais são os mais visíveis?

R: _____

_____.

2. Quais são os factores que contribuem para as dificuldades de aprendizagem?

R: _____

_____.

3. Em sua opinião, achas que essas dificuldades de aprendizagem contribuem para o insucesso académico?

R: _____

_____.

4. Tem-se feito alguma coisa a fim de diminuir as dificuldades de aprendizagem? Se sim, quais são essas medidas?

R: _____

_____.

5. Existe uma área específica que vela pela problemática das dificuldades de aprendizagem?

R: _____

_____.

6. Tem havido intervenção de um psicólogo para o combate das DA?

R: _____

7 Acredita que o insucesso académico dos alunos está relacionado com as dificuldades de aprendizagem? Se sim, diga porquê?

R: _____

_____.

8 Quais são os sinais de insucesso académico causados pelas dificuldades de aprendizagem?

R: _____

_____.

Obrigado pelas respostas e pela sua disponibilidade

GUIÃO DE ENTREVISTA PARA PROFESSORES

Na sequência de um estudo para a Defesa de Fim de Curso em Psicologia, com o tema: “Dificuldades de aprendizagem como factores de insucesso dos alunos da 9ª Classe. Estudo de caso: Complexo Escolar 301 “Manuel Lopes Maria Ximutu”, no município do Dande, província do Bengo, 2022/2023”, gostaria que ajudasse a responder às questões abaixo.

5. Identificação

Idade

14 a 15 anos	
15 a 16 anos	
17 a 18 anos	
19 a 20 anos	
20 a 21 anos	

7. Sexo

Masculino	
Feminino	

8. Habilitações Literárias

Ensino Primário	
1.º Ciclo (6.ºano)	
2.º Ciclo (9.ºano)	
Bacharel	
Licenciatura	
Mestrado/Doutoramento	

9. Profissão

R:

1. Em sua opinião, existem problemas relacionados com as dificuldades de aprendizagem nos alunos do Complexo Escolar Manuel Lopes Maria Ximutu? Se sim, quais são os mais visíveis?

R: _____

_____.

2. Quais são os factores que contribuem para as dificuldades de aprendizagem?

R: _____

_____.

3. Em sua opinião, achas que estas dificuldades de aprendizagem contribuem para o insucesso académico? De que forma?

R: _____

_____.

4. Tem-se feito alguma coisa a fim de diminuírem as dificuldades de aprendizagem? Se sim, quais são essas medidas?

R: _____

_____.

5. Existe uma área específica que vela pela problemática das dificuldades de aprendizagem?

R: _____

_____.

6. Tem havido intervenção de um psicólogo para o combate das DA?

R: _____

_____.

7. Acredita que o insucesso académico dos alunos está relacionado com as dificuldades de aprendizagem? Se sim, diga porquê?

R: _____

_____.

8. Quais são os sinais de insucesso académico causados pelas dificuldades de aprendizagem?

- d) Desistências;
- e) Reprovação;
- f) Pouca assimilação.

Muito Obrigado pelas respostas e pela sua disponibilidade!

GUIÃO DE ENTREVISTA PARA OS ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO

Na sequência de um estudo para a Defesa de Fim de Curso em Psicologia, com o tema: “Dificuldades de aprendizagem como factores de insucesso dos alunos da 9ª Classe. Estudo de caso: Complexo Escolar 301 “Manuel Lopes Maria Ximutu”, no município do Dande, província do Bengo, 2022/2023”, gostaria que ajudasse a responder às questões abaixo.

10. Identificação

Idade

14 a 15 anos	
15 a 16 anos	
17 a 18 anos	
19 a 20 anos	
20 a 21 anos	

12. Sexo

Masculino	
Feminino	

13. Habilitações Literárias

Ensino Primário	
1.º Ciclo (6.ºano)	
2.º Ciclo (9.ºano)	
Bacharel	
Licenciatura	
Mestrado/Doutoramento	

14. Profissão

R:

1. Como descreve o nível de aprendizagem do seu filho?

R: _____

_____.

2. Em sua opinião, o que provoca essa pouca aprendizagem?

R: _____

_____.

15. Em sua opinião, achas que essas dificuldades de aprendizagem contribuem para o insucesso académico? De que forma?

R: _____

_____.

16. Achas que a escola tem feito alguma coisa a fim de diminuir as dificuldades de aprendizagem? Se sim, quais são essas medidas?

R: _____

_____.

17. Existe uma área específica que vela pela problemática das dificuldades de aprendizagem?

R: _____
_____.

6. Tem havido intervenção de um psicólogo para o combate das DA?

R: _____
_____.

7. Acredita que o insucesso académico dos alunos está relacionado com as dificuldades de aprendizagem? Se sim, diga porquê?

R: _____

8. Que conselhos dá a direcção a fim de se melhorarem esses problemas relacionados com as dificuldades de aprendizagem?

8 R =

i) Dialogue mais com os encarregados

18. Aceite correcções

19. Tenha um psicólogo

20. Capacite os professores para serem mais abertos, ao lidarem com os alunos.

Muito Obrigado pelas respostas e pela sua disponibilidade!

FICHA DE OBSERVAÇÃO

1- Entrada__ pontual ____ Mau____

2 -Intervalos__ Bom ____ Mau____

3-Saídas__ Bom ____ Mau____

4- Actividades lúdicas__ Bom ____ Mau____

5-Satisfação__ Bom ____ Mau____

6-Insatisfação__ Bom ____ Mau____

7-Comunicação__ Boa ____ Mau____

8-Conflitos__ aceitável ____ Não aceitável____

9-Presença de materiais didácticos__ Bom ____ Mau____

10- Transportes__ Bom ____ Mau____

11-Merenda escolar__ Bom ____ Mau____

ANEXOS

